



| LEETRA • Indígena |

Revista do Laboratório de Linguagens LEETRA
Universidade Federal de São Carlos

L | **i**





Universidade Federal de São Carlos

Reitor

Prof. Dr. Targino de Araújo Filho

Vice-Reitor



Prof. Dr. Adilson Jesus Aparecido de Oliveira

Universidade Federal de São Carlos - Campus São Carlos
Rod. Washington Luís, km. 235 - Departamento de Letras - Sala 07

CEP: 13.565-905 - São Carlos - SP

Telefone: (16) 3306-6510

www.leetra.ufscar.br | grupo.leetra@gmail.com



LEETRA INDÍGENA. n. 17, v. 1. Edição Especial: Escola Kariamã
conta umbuesá, 2015 - São Carlos: SP: Universidade Federal de São
Carlos, Laboratório de Linguagens LEETRA.

Periodicidade semestral.

ISSN: 2316-445X

1. Literatura indígena 2. Literatura brasileira 3. Sociedades
indígenas brasileiras.

A revista aceita contribuições de estudos, resenhas e outras, dentro da sua especialidade.





ISSN 2316-445X

Número 17 - Volume 01 - 2015

| LEETRA • Indígena |

Revista do Laboratório de Linguagens LEETRA
Universidade Federal de São Carlos

L | **i**

Rev. LEETRA Indígena

São Carlos - SP

n.17

v.1

pp. 1-88

2015



LEETRA Indígena

Revista do Laboratório de Linguagens LEETRA
Universidade Federal de São Carlos - SP - Brasil
Número 17 - Volume 1 - 2015 - ISSN 2316-445X

Conselho Editorial

Eduardo de Almeida Navarro
Maria Sílvia Cintra Martins

Editora

Maria Sílvia Cintra Martins

Design e Diagramação

Matias Lisboa

Edição do texto

Carolina von Zuben

Revisão

Maria Sílvia Cintra Martins
Eld Johonny
Carolina von Zuben
Marcel Ávila

Arte da capa

Bárbara Batista

Ilustração da capa

Estevão Fontes Olímpio

Colaboradora

Juliana Campoi

Endereço para correspondências

Universidade Federal de São Carlos | Laboratório de Linguagens LEETRA
Rod. Washington Luís, km. 235 - Departamento de Letras - Sala 07
CEP: 15.566-905 - São Carlos - SP | Telefone: (16) 3306-6510
Pedido de assinaturas e envio de artigos para
www.leetra.ufscar.br | grupo.leetra@gmail.com

Apoio

Grupo de Pesquisa LEETRA
Linguagens, Etnicidades e Estilos em Transição (CNPq)
FAPESP - Fundação de amparo à pesquisa do Estado de São Paulo

Organizadora

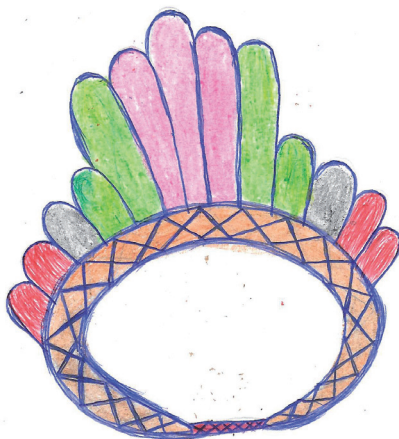
Patrícia Regina Vannetti Veiga

Narradores

Amarildo Livino Castro
Divinória Cecílio Gaudencio
Hermes Domingos Plácido
Maria Bidoca Bitencourt Castro
Miguel Carlos Piloto

Professores / autores

Alzira Castro Bitencourt
Amarildo Livino Castro
Cláudio Martins Rocha
Divinória Cecílio Gaudencio
Edelson Luciano Ricardo
Estevão Fontes Olímpio
Elisangela Fontes
Félix Figueiredo da Silva
Liliana Luciano Fontes
Lucinda Martins da Silva
Rubens Augusto da Silva Caldas
Sônia Bitencourt Fontes



Ilustradores (alunos do Ensino Médio e professores)

Prof. Estevão Fontes Olímpio, Prof. Félix Figueiredo da Silva, Adilson Rodrigues da Silva (1º ano), Alcy (1º ano), Aldécio Batista Silvano (1º ano), Alex (1º ano), Amarildo de Jesus Castro (2º ano), Andson Vinicius da Silva (2º ano), Arlison (1º ano), Benício (3º ano), Bianca (3º ano), Carla Fernanda (2º ano), Dulcilene, Edmilson (2º ano), Gelson Rodrigues Macedo (2º ano), Geovane (1º ano), George (1º ano), Germano Brazão da Silva (1º ano), Gleibson da Silva Fontes (1º ano), Ivan Clécio (3º ano), Jacinta (2º ano), Jander (1º ano), Janderley (1º ano), Janilson Rodrigues Macedo, Jaumar (1º ano), Jecimar, Jefferson R. D. (2º ano), Joni, Jonison Fontes Brazão (2º ano), José Maria da Silva (1º ano), J. Plácido (3º ano), Kino Jecimar, Lauciene (1º ano), Lucimar Castro (2º ano), Luciene Martins (1º ano), Maria Brazão (2º ano), Maurício (1º ano), Misael Martins da Silva (3º ano), Paulinho A. Montenegro (1º ano), Renê da Silva (2º ano), Robson Barreto, Rosinete (1º ano), Sabrina Macêdo Cordeiro (1º ano), Vitor Felipe (1º ano, aluno da escola Prof. Sebastião de Oliveira Gusmão, de São Paulo), Wilmey e Wilson (2º ano).

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar queremos agradecer a Deus, por ter nos dado a sabedoria para realizarmos este valioso trabalho de pesquisa, juntamente com a nossa companheira de trabalho que teve essa iniciativa, a professora e pesquisadora Patrícia R. V. Veiga, na área de Linguística da Unicamp e todas as pessoas que trabalham com ela, em especial, Carolina von Zuben, Dani, Juliana Campoi, Matias Lisboa, Vinicius Nonato e Bárbara Batista, a eles os nossos agradecimentos. Aos professores que iniciaram os trabalhos de entrevista com a pesquisadora no município de São Gabriel da Cachoeira para o início desta escrita; o professor Miguel Carlos Piloto, Maria Bidoca, Amarildo Livino, Divinoria Cecilio, Marlene Domingos Trindade, Celina Menezes da Cruz e o senhor Hermes Plácido, que ampliou o nosso conhecimento com o seu conhecimento, a eles o nosso agradecimento. Ao professor Estevão Fontes e ao professor Felix Figueiredo que, incansavelmente, juntamente com os alunos do 1^a, 2^a e 3^a série do ensino médio, elaboraram os desenhos que fazem parte deste trabalho, a fim de mostrar melhor o trabalho para as crianças, a esses professores os nossos agradecimentos. Agradecemos aos professores que participaram na produção de textos do oral para a escrita e de português para o nheengatu, o professor Rubens Augusto da Silva Caldas, Alzira Bitencourt Castro, Sonia Bitencourt Fontes, Liliana Fontes Olimpio, Lucinda Martins da Silva, Edelson Luciano Ricardo, Elisangela Fontes, pelo árduo trabalho de tradução para melhor entendimento dos amigos leitores, não esquecendo o professor gestor da escola, Luiz Antônio, por abrir as portas da escola Kariamã para esse trabalho que é de suma importância para esta escola e esta comunidade. Enfim, não esquecemos o professor que fez a parte de digitação dos textos em nheengatu, com muita paciência, o professor Claudio Martins, a ele o nosso agradecimento.

Com isso, agradecemos a todas as pessoas que pensam junto com os professores para um fortalecimento dos saberes voltados ao conhecimento do povo de Assunção do Içana, e a todas as pessoas que querem nos acompanhar nessa caminhada.



Professores e pesquisadora em frente à escola Kariamã

YAMUKUEKATÚ

Yaputai yamukuekatú turusú ianepiyá suí, kua yane paya iwaka pura TUPANA, umem waá yandearam kua manduari sá yamunham ram kua muraki. Asui yamukuekatú kua yanerumuara, uriku waá kua manduri sá, usikai ram ukua aité kua nheenga resewara, yawé waá yamukuekatú kua será waá, Patrícia R. V. Veiga, aé uyumbué nhenngaita resewara Unicamp, upé, asui panhem sumuaraitá upurakí waitáa irum aintá yuirí (Carolina von Zuben, Dani, Juliana Campoi, Matias Lisboa, Vinicius Nonato, Bárbara Batista), yamukuekatú. Kuirí iamanduari kua yaneanamaitá taumbeú waá maam takuá sá, tawa upé será waá São Gabriel da Cachoeira, yampinima ram kua paperaupé, umbuesaraitá, Miguel Carlos, Maria Bidoca, Amarildo Livino, Divinoria Cecilio, Marlene Domingos Trindade, Celina Menezes da Cruz, amum yuirí, kua tuyu Hermes Plácido, aité kuaitá yamukuekatú turusú taumbeú wa rupí yandearama takua waá, yampinima ram ike kua papera upe. Yamukuekatú turusú umbuesaraitá Estevão Fontes asui Felix, asui kurumim wasuitá uyumbué waitá ensino médio upé, 1ª, 2ª asui 3ª série, umunhã waitá rangawaitá yamukamem arama kua muraki upé, Taina tamaam ram, aasui awá uputai waá ukua, kua takuasá, yamukuekatú kua umbuesaraitá. Yamukuekatú turusú kuaitá: umbuesara Rubens, umbuesara Alzira, umbuesara Sonia, umbuesara Liliana, umbuesara Lucinda, umbuesara Edelson, umbuesara Elisangela umba waá rupí takueré taumpinima kua beusá kua papera kiti, taputari resewara tamukamem taína tamaram, maam taramunha takua waá, yamukuekatú turusú yuirí tuxawa escola yara, umbuesara Luiz Antonio, uxari waá yapurakí, uyumbuesaraitairumu, asui umba yaxai yamanduari awá umpinima retewaá yandearama computador upé, asui muiiri ára waá uwapika umbuesaraitairumu, urikú waá bumwa surisawa sumuaraitaairumu kua será waá umbuesara Claudio Martins, isupé turusú kuekatú reté panhen marupí umunha waá usemu ram kua umbeusara nhengatú takuá waá.

Yawé waá yamukuekatú pamhem kua yaneanamaitá umanduari waitá puramga yaneruaxá, tarurí waitá tamaam kua yumpinimasá, kuekatú reté yaneanamaitá.



Juliana Campoi, Prof. Miguel Piloto, Patricia Veiga e Prof. Maria Bidoca, da esquerda para a direita

INTRODUÇÃO: SOBRE A PRODUÇÃO DE MATERIAIS BILÍNGUES E A IMPORTÂNCIA DA LÍNGUA NHEENGATU NA CONSTITUIÇÃO DA IDENTIDADE INDÍGENA

O momento atual confronta-nos com grandes desafios que herdamos do século XX. Entre eles estão a continuidade na luta pela garantia efetiva dos direitos indígenas já estabelecidos na letra da Constituição de 1988, em conjunto com a lei 11.645/08, que versa sobre a obrigatoriedade do ensino da história e da cultura dos povos indígenas em todas as escolas públicas e particulares brasileiras, ou seja, nas escolas de aldeia, mas não apenas nelas.

No Grupo de Pesquisa LEETRA, na Universidade Federal de São Carlos, temos nos voltado à realização de ações que buscam corresponder a esses e a outros desafios, seja na pesquisa voltada à produção de livros bilíngues para utilização na educação de aldeia, seja na produção de material de apoio ao trabalho do professor em sala de aula, tanto na aldeia como nas demais escolas brasileiras, que muitas vezes se sente sem recursos para poder dar cumprimento à lei mencionada acima. Em 2014, juntando esforços com professores e educadores do Alto Rio Negro (AM), publicamos edição especial da Revista LEETRA Indígena, com lições progressivas para a aprendizagem da língua nheengatu; já os números 15 e 16 da Revista LEETRA Indígena comportaram novas edições especiais, a primeira com a apresentação de plantas medicinais em edição trilingue (português/nheengatu/baniwa); a outra com mais elementos da língua nheengatu, dentro de uma proposta que foi construída em conjunto com professores de Santarém/PA.

Neste momento, com a publicação do número 17, **Escola Kariamã conta umbuesá**, somos contemplados com resultados de pesquisa realizada na comunidade de Assunção do Rio Içana, no Alto Rio Negro (AM), lá onde, conforme os professores autores deste volume nos explicam, o nheengatu é língua materna de alguns povos e língua franca na região, usada na comunicação e adotada por povos de origens as mais variadas como marca de sua indigeneidade.

No caso de materiais didáticos bilíngues como **Nheengatu Tapajoara (LEETRA Indígena 16)** e agora **Escola Kariamã conta umbuesá**, vemos na sua utilização em sala de aula diversos destaques para o trabalho pedagógico:

1. Contribuem para a implementação da lei 11.645/08;
2. seja na Educação Indígena Diferenciada, seja nas escolas regulares, de toda forma muitas vezes os próprios professores não possuem todo o conhecimento das línguas indígenas, já que elas se encontram em processo de revitalização e a existência de livros didáticos bilíngues pode contribuir – e muito – para sua redescoberta por todos, tanto pelos professores, quanto pelos alunos.

Vale notar, ainda, que este volume comporta a contribuição especial de nos contemplar com uma diversidade de narrativas em edição bilíngue, fornecendo-nos apoio: por um lado, para a preservação do patrimônio imaterial do povo Baniwa da comunidade de Assunção do Rio Içana; por outro, para um conhecimento maior da língua nheengatu, lembrando-se que o fato de se constituir em edição bilíngue não é garantia da compreensão das palavras de cada uma das línguas que aqui se fazem presentes, o português e o nheengatu. Sendo assim, os dois volumes anteriores, **Yasú Yapurugitá Yegatu** (LEETRA Indígena 3) e **Nheengatu Tapajoara (LEETRA Indígena 16)** podem fornecer apoio para uma compreensão melhor deste volume; e este volume, por sua vez, traz elementos para um estudo mais avançado, ao nos contemplar com uma diversidade de narrativas em língua nheengatu.

Além de nos contemplar com a beleza da sonoridade desta língua tão brasileira, aqui representada em símbolos gráficos, **Escola Kariamã conta umbuesá** é uma edição riquíssima em desenhos de grande expressividade, todos produzidos por alunos dessa mesma escola, fornecendo-nos os resultados de uma pesquisa que se destaca por seu teor ético, em que a pesquisadora Patrícia Veiga se recolhe para dar voz e vez aos sujeitos Baniwa. Estes, por sua vez, mostram toda sua arte no domínio das linguagens, seja a plástica, seja aquela do contar histórias, do saber contá-las de forma envolvente, autêntica e expressiva.

É interessante relatar para quem não pertence à região e vai também ter contato com esta revista, que na região do Alto Rio Negro, onde este material foi produzido, existem diferentes comunidades indígenas cujas línguas encontram-se extintas ou possuem poucos falantes, de tal maneira que parte da população, ao passar a reconhecer sua identidade indígena, vê na língua nheengatu um instrumento de luta e uma forma de resgate de sua indigeneidade. Ali, como em algumas outras regiões brasileiras, o nheengatu possui funcionamento linguístico de língua franca, dentro de uma situação multilíngue especial, sendo que em São Gabriel da Cachoeira (AM), principal município dessa região, há três línguas co-oficiais, o nheengtu, o tukano e o baniwa.

Novamente desejo a professores, gestores, alunos das escolas de aldeia e das escolas regulares um bom trabalho. Que se divirtam enquanto aprendem mais e mais sobre este país enorme e diverso ao qual temos o privilégio de pertencer!

Professora Maria Sílvia Cintra Martins – Grupo de Pesquisa
LEETRA - UFSCar

ÍNDICE

PORTUGUÊS

| | |
|---|----|
| Apresentação..... | 12 |
| Breve histórico do nheengatu..... | 18 |
| Um pouco da história da comunidade de Assunção do Içana e do povo Baniwa..... | 22 |

HISTÓRIAS

| | |
|--|----|
| A pessoa-preguiça no dabucuri..... | 26 |
| Preguiça e bodózinho (<i>kaalipa</i>)..... | 30 |
| História dos Matis..... | 38 |
| Guariba e anta..... | 44 |
| História dos Makiritários..... | 48 |
| Makiritários..... | 52 |
| Origem da noite I..... | 58 |
| Origem da noite II..... | 68 |
| Origem do fogo..... | 72 |
| Por que o jacaré não tem língua?..... | 82 |

ÍNDICE

NHEENGATU

| | |
|---|----|
| Munameengáua..... | 13 |
| Kuaíra mirintu kua nheengatu resewara..... | 19 |
| Kuaíra beunsá tetama, asui baniwa miraitá resewára..... | 23 |

UMBUESAITÁ

| | |
|--|----|
| Aí-mira dabucurí upe..... | 27 |
| Tuyuca mânha asuí aí..... | 31 |
| Matíresewara – Matí ta história..... | 39 |
| Wariwa asuí tapira..... | 45 |
| Makiritário umbeusá..... | 49 |
| Makiritários..... | 53 |
| Pituna yumpirungá I..... | 59 |
| Pituna yumpirungá II..... | 69 |
| Tatá yupirungásá..... | 73 |
| Pekua maram yakaré ti urikú iyapéku ?..... | 83 |

APRESENTAÇÃO

Este trabalho de pesquisa e escrita das histórias contadas na comunidade de Assunção do Rio Içana foi importante pois trouxe conhecimentos sobre as origens, a língua e a cultura tradicional Baniwa. Os Baniwa que vivem no Baixo Rio Içana falam nheengatu desde o começo do século 20, quando entraram em contato com pessoas de fora e com padres salesianos. Desde então o nheengatu é língua materna nessa região; já no Alto Rio Içana, o povo Baniwa ainda fala a sua língua ancestral, o baniwa; mas isso será mais bem explicado a seguir. O processo de escrita das narrativas tradicionais desse povo, contadas em nheengatu e também em português, teve início com a narração oral de alguns professores baniwas que estavam na cidade de São Gabriel da Cachoeira e teve continuidade com a pesquisa e escrita dessas histórias pelos professores da escola Kariamã, na comunidade de Assunção do Rio Içana.

O projeto foi desenvolvido a partir da pesquisa de mestrado **Do oral para o escrito: a narratividade em nheengatu no Alto Rio Negro – AM** (Apoio FAPESP - processo nº 2013/ 13244-5), da pesquisadora Patrícia Regina Vannetti Veiga, na área de Linguística da Unicamp, orientada pelo professor Dr. Wilmar da Rocha D’Angelis, cujo objetivo é investigar os processos de escrita das narrativas orais pelos professores indígenas. Para este livro, as narrativas (de diferentes narradores e versões) foram retextualizadas do oral para o escrito, do português para o nheengatu e do nheengatu para o português.

O primeiro encontro realizado para essa pesquisa foi em 2014 e contou com a participação de quatro professores da escola Kariamã – Amarildo Castro, Divinória Galdencio, Maria Bidoca e Miguel Piloto –, outras duas professoras da cidade de São Gabriel da Cachoeira – Celina Menezes da Cruz e Marlene Domingos Trindade, ambas da etnia Baré – e Marivaldo Almeida, em que foram contadas e gravadas algumas histórias na maloca da Foirn (Federação das Organizações Indígenas do Alto Rio Negro). Em continuidade, os professores da escola Kariamã se juntaram para elaborar a escrita das histórias narradas.

Quando as ouvimos pela primeira vez, percebemos que alguns conheciam outras versões, ou seja, que há várias versões da mesma história. Portanto, fomos pesquisar com um sábio da comunidade, Senhor Hermes Domingos Plácido, da etnia Baniwa, clã Siusi, de 61 anos de idade, também pajé da comunidade. Era um dia chuvoso, mas mesmo assim fomos à casa dele – nos molhamos bastante – e o convidamos para ir à escola. Depois, ele foi até a escola, com um guarda-chuva, onde os professores o aguardavam.

Ele foi espontâneo ao contar histórias e disse o que ele sabia. Falou também sobre a importância de contar as histórias para que o conhecimento seja transmitido de geração em geração. Ele disse que seria bom se tivessem desenhos para ilustrar o livro, assim, quem fosse ler, também poderia visualizar o que a história narra.

Fizemos então encontros com os alunos, em que passamos o vídeo das histórias contadas em nheengatu e em português e lemos a versão escrita. Os alunos e alguns professores desenharam e pintaram os desenhos, e também escreveram qual cena os desenhos estavam representando.

MUNAMEENGÁUA

Kua murakí purandusá, asui yumpinimasá sesewara kua miraitá ukua sá kua tendawa wara Assunção do rio Içana waraitá aé puranga, mansé urui mayé uyumpirúkua takuasá, asui mayé kua taresewára kua Baniwaitá.

Kua muraki uyumunham purandú sá irum **Kuntai sá asui uyumpinima: nheengaturupí takuntai wá iké Paraná wasú rupí – AM** (Apoio FAPESP), irum kua usikai waá ukua Patrícia R. V. Veiga (Orientador Dr. Wilmar da Rocha D'Angelis), uyumbué waá Linguística, Unicamp upé.

Uyumpirú rama aikué kuera kuntari sá umbesara tairumu kua escola Kariamã puraitá asui tairumu uikúwaitá táwa São Gabriel da Cachoeira upé, akayú 2014, ramekuera mamem tambeu waá maam takua waá Foin maloka upé (Federação das Organizações Indígenas do Alto Rio Negro). Uyumuapiri tairum kua umbesaraitá escola Kariamãupé waitá upuraakí, mamem tayumuatiri taupinima ram maam taukua waá.

Mairamem yasendú, yamam aikué amuitá takua tambeu amurupi te, maam takuawaá amuitá. Yawé waá yasú yasikai yasendú tuyu tairum uikú waá kua tendáwa upé, irum yam tuyu será waá, Hermes Domingos Plácido, aé Baniwa, siusí waá imirasá, urikú, 61 akayú, aé yuirí ukua umutawarí kua tendawaupé. Yam ára amana uwarí wa uikú, yawentu te yasú sakuera suka kití, – yawé waá irurú pá yandé – yasenui aé usú ram esola kití, yawé waá usú akití, urasú te suka mirí aram, mamem umbesara tasarú wana wa aé.

Aé uputai umbeu irupintu té maam ukua waá, uyem ukua té. Umbeu puranga te umbeu maam ukua waá umucamem arama maam ukua sá tasupé kua kuiri waraitá asui amuitá uri ré waitá uikú. Aé uyem puranga piri mairamem aikue sangáwaitá, umukamem aram, yawé awaramem usú umaam aikué sangawaitá yepewaasú irumu yam uyumpinima waaa.

Yamuatiri yuiri nham uyumbué waitá uikú yam escola upé, mamem yamukamem tamá arama maye tambeú nheengatú rupí asui kariwa nheenga rupí, asui yambeú tasupé. Umbesaraita yuiri tamunhã sangawaitá maamem taupinima maam maanungara umukamem uikú.



Senhor Hermes Domingos Plácido



Alunos do Ensino Médio da escola Kariamã fazendo os desenhos das histórias



O processo de escrita das histórias por nós educadores foi um desafio, principalmente na língua nheengatu. Em português nós já estamos mais acostumados. O próprio narrador usava muitos empréstimos do português. A tradução de algumas palavras, do português para o nheengatu, é muito difícil e envolveu pesquisa, um colega perguntando para o outro e debatendo. Uma palavra em nheengatu, dependendo do seu acento ou de apenas uma letra, tem vários significados em português, por exemplo, *uyúka* (tirar), *uyuká* (matar), *uyukaa* (se cagou), ou mesmo os marcadores *paá* (contam) / *pa* (diz). E no texto as palavras têm que ser bem organizadas.

Todas as histórias eram ouvidas, parte por parte, e eram recriadas na escrita. Quando nós já sabíamos a parte das histórias, nós escrevíamos direto, mas quando não nos lembrávamos de alguma parte, voltávamos a gravação, dávamos *stop* e ouvíamos novamente; uma, duas ou mais vezes. Quando o narrador falava palavras em português, rapidamente transformávamos a palavra para uma correspondente na língua.

Muitas palavras não são mais usadas e, quando escrevemos coletivamente, aprendemos juntos muitos termos que alguns não conheciam na própria língua que falamos, por exemplo, *iwikuim* (areia/praias) ou *ipawa* (lago). Como o nheengatu não tem uma ortografia unificada, tínhamos que escolher a melhor maneira para escrever e ler as histórias. Por exemplo, nas próprias histórias têm palavras que levam a vogal nasal e que algumas vezes são escritas com o “til” (~) e outras vezes aparecem escritas com /m/ e /n/ para indicar a nasalização. Algumas palavras são escritas às vezes com um /a/, outras com duas letras /a/, por exemplo, *wa/waá* (que); *pá/paá* (contam). Essas abreviações são comuns na fala e na escrita em nheengatu.

Decidimos manter as ênfases dadas pelos narradores, usando o prolongamento de vogal: *usaaaka* (arrebentar), *sakiwaaaaara* (ardido), *yusaaaara* (coceira), *usuãaaaa* (foi). Colocamos também o som dos acontecimentos da história, como do trovão (*pááááá*), do pássaro cortando a língua do jacaré (*tirillá*), do japurutu (*tсен tсен tсен tum tem rem*) e da rã (*kuã kuã kuãããã*). Isso contribui para o entendimento do leitor que vai conseguir imaginar melhor a história.



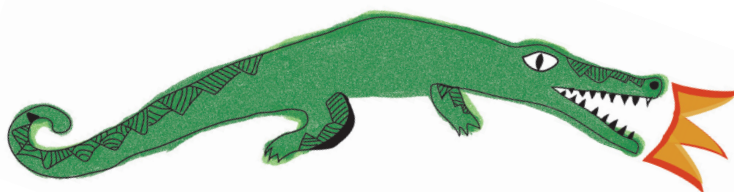
Professores da escola Kariamã e pesquisadora trabalhando na escrita das histórias

Mairamem yampinima kua mbeusá, yandé yawasem iwasú, sesewara kua nhenga será waá nheengatu. Kariwa nheegarupí yasã iwasuima yansé yayupukuá wã irumu. Umbeusá yandearama síya useruka kariwa nheega rupí. Yawé waá iwasú yamusasá ram nheengatu kití, yawé waá iwasú yepé supé, yamuatiri yanerumuaraitá takuntai ram yaneurumu taumbeurama mayétamanduari. Yepé seruka sá amurmem uruku siya sesewara kuayé, yaseruka *uyúka* (mairamem amum upisika manungara); asui *uyuká* (mairamem awá umunhã manungara umanum); asui *uyukaa* (mairamem awá ukaá ixirura); asui mairamem yukua *paá* (taumbeú) asui *pa* (unhem). Yawé waá mairamem yampinima puranaté yaxai aintá puranga.

Panhem kua tambeu waitá yasendú merupí, asui uyumpinima. Yasendú riré maamm tambeú waá yampinima aé, mairamem umba yasendú puranga yayui yasendú xinga, yepé, mukuim ti ramem siya xinga. Mairamem awá umbeu wá uiku useruka kariwa nheemga rupí kutara yasikai yampinima aé nheegatú rupí.

Síya amuramem useruka tiam waitá yakua mayesá, mairamem yampinima, yayumbué yaikú yepewasú maam tiam waá yakua yanenneega pukusá te, kuayé, useruka, *iwikuim* (areia/praiã) ti ramem *ipawa* (lago) yawé waitá tiam yakua. Mayeté yambeú waá yawé kua nheengatu umba re uriku satambika waá maam sesewaara, puranga ram usemu yandé yasikai mayé puramga piri yampinima yambeuram sesewara kua maam tambeú waá yandearama. Kariwa yenga rupí yambeú kuayé mairamem remam kuayé, “~” (kariwa taseruka “til”) aé reserua netim kití, asui amuitá tayumpinima kuayé /m/ asui /n/ reseruka arama netin kití. Asui amuramem uyumpinima kuayé yepentu /a/, asui amuramem mukuim /a/, kuayé, *wa/waá* (maam), *pá/paá* (taumbeú). Yawé waitá aikué wara kua mairamem yakuntai kua nheengatu.

Yamanduari yaxai té kua amuitá mayeté kua useruka wá yawé yam umbeusá yandearama, mamem unheem waá kuayé ikupukú: *usaaaka* (mairamem yepé maam usaka merupí) / *sakiwaaaara* (mairamem sací manungara perewa ikupukú); *yusaaaara* (mairamem yusara ikupukú); *usuãaaaa* (mairamem uwatá usú kupukú). Asui yaxari yui mairamem umusangá manungara tiapú waá mairamem umbeu uikú, mayé umusangá ramem trovão (pááááá); mairamem umusangá tiapú sá mayé wuiramirí umunuka yakaré apekú (tiillá), asui mairamem umusangá maita tiapú yapurutu (tsen tsen tsen tum tem rem) asui mayé yuwí tanheengari (kuã kuã kuãããã). Yawé wa kuri awá usú umam kua nhampinima waá usú umanduari mayé usasá kua yambeú waá.



Bárbara Batista

Na escola os alunos e professores costumam fazer pesquisa das histórias contadas pelo povo Baniwa, algumas foram dramatizadas em dias de homenagem, por exemplo, no dia das mães, dia do índio e dia das crianças. Outras são pesquisadas em forma de Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) dos alunos do Ensino Médio. Essa iniciativa de escrita das histórias para transformá-las em material didático possibilita que as crianças tenham acesso a um conhecimento que as pessoas da comunidade não têm mais interesse devido ao mundo globalizado da tecnologia; com a energia, acabamos assistindo televisão, usando o celular etc. O próprio trabalho de pesquisa já reaviva essas histórias, que voltam a ser narradas, além de retomar outros conhecimentos, como fazer um brinquedo de palha de tucum, que apareceu em uma das histórias.

Os sábios estão indo embora e levando todo o conhecimento com eles, escrever esse conhecimento e espalhar por meio de livros pode incentivar outras comunidades, das salas anexas, a escreverem as suas histórias e compararem com as histórias locais.

Portanto, esperamos que este livro seja lido pelas pessoas interessadas em conhecer a diversidade cultural Baniwa e por falantes de nheengatu.



Prof. Sonia extraindo a palha de tucum



Prof. Estevão e Prof. Divinória extraindo a palha de tucum



Professores levando a palha de tucum para a escola



Prof. Estevão brincando com o brinquedo feito da palha de tucum

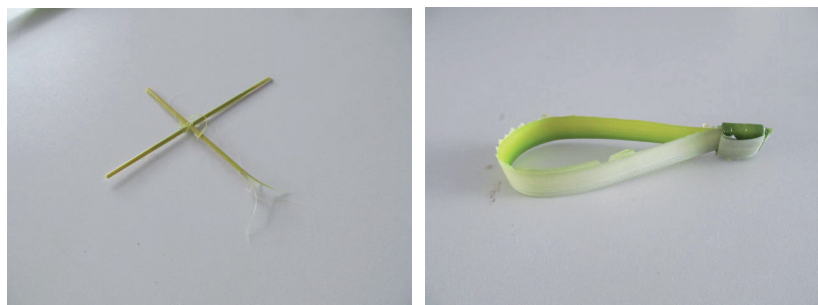
Iké escola upé kariamã upé uyumbué waitá asui umbuesaraitá, amuramem tasikai tapurandú tasendú taresewara kua maam baniwa taukuasá amuitá tamusanga mairamem aikue kkua tamanha ta ára, makuita ára, asui Tainá ta ára ramem. Amuitá taunpinima mairamem kua uyumbue waitá Ensino Médio upé tamunha tamuraki kariwa taseruka waá Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), tamanduari taunpinima taukuasá taxai ram Tainá tamaam ram, yansé kua áraitá rupí siiya kua tendawa waraitá umbawam taukua sesewara tarikuam kuá yaseruka waá energia, taputai piriam tamaam kua televisão, asui kua celular, siya amuintá. Kua muraki umunham yamanduari uyiri maam yaneresarai wana waá yepé.

Tuyuitá tamanú tasú taikú, apé tarasú taiku maam taukua sá tairumu, mairamem yampinima, asui yamukamem yakuasá papera rupí siiya amum tetama puraitá, taunpinima kuri taukua sá tamaam arama Sam yawé te maam taukuasá tarendawa tarupí.

Yawé waá, yasarú kurí kua papera, siiya mira kurí umam aé, awá uputari waá ukua baniwa taukuasá, asui tarsé kua ukuntai waita nheengatu.



Professores confeccionando o brinquedo feito com a palha de tucum



Brinquedos feitos com o talo da palha de tucum

BREVE HISTÓRICO DO NHEENGATU

A língua nheengatu (*nheenga* – “língua, fala” + *katu* – “boa”) ou Língua Geral Amazônica começou a ser falada durante o período da colonização brasileira e resultou de certa simplificação da língua tupinambá falada no Maranhão e registrada pelo padre Luís Figueira, em gramática publicada em 1621 (*Arte da Língua Brasileira*).

Foi usada em toda a região Norte do país por missionários, nos aldeamentos e missões jesuíticas, por colonos e também por grupos indígenas de diversas famílias linguísticas, como a Tupi, Karib, Aruak, Tukano, Pano, Katukina, Mura, entre outras. Era uma língua colonial, que permitia a comunicação entre colonos e nativos. Os indígenas que falavam nheengatu ficaram conhecidos como “tapuios” ou “índios mansos”, nome dado àqueles que foram integrados ao sistema colonial, não necessariamente de forma pacífica.

Já desde o século 18 o seu uso foi proibido, uma vez que o objetivo da metrópole lusitana era implementar a língua portuguesa na colônia e formar uma nação nos modelos europeus, desvalorizando as línguas indígenas aqui faladas. Além disso, muitos falantes de nheengatu morreram no século 19, participando da revolta da Cabanagem, e na Guerra do Paraguai, pois foram forçados a prestar serviços militares. E a intensa migração de falantes do português vindos do Nordeste para a região amazônica no período de extração da borracha, que se estendeu até o século passado, incentivou a comunicação na língua portuguesa, contribuindo para o declínio do nheengatu.

Durante o século 20 o nheengatu foi levado à região do Alto Rio Negro por missionários salesianos e pessoas não indígenas, essa região até então permanecia com pouco contato externo e também não havia nenhum povo da família Tupi por lá. Atualmente, o uso do nheengatu está concentrado nessa região, embora existam outros falantes distribuídos, principalmente, pela região Norte do país, é uma língua de uso corrente apenas no Alto Rio Negro.

No começo era conhecida como uma “língua do branco” já que permitia a comunicação com “os de fora”. Hoje é reconhecida como uma língua indígena; é língua materna de alguns povos e língua franca na região, isto é, uma língua de contato, usada na comunicação entre os povos. Há grupos indígenas que não usam mais sua língua ancestral e são falantes de nheengatu como primeira língua, como os Baré e os Baniwa do Baixo Rio Içana. Os Warekena e Pira-Tapuya cada vez mais empregam apenas o nheengatu na comunicação cotidiana, e outros povos têm o nheengatu como segunda, terceira, quarta língua etc. Por ser uma região multilíngue, o nheengatu é língua geral junto com a língua tukano.

KUAÍRA MIRINTU KUA NHEENGATU RESEWARA

Kua sera waá nheengatu (*nheenga* – “kuntari sá” + *katu* – “puranga”) ou Língua Geral Amazônica tauyumpirú taupurunguitá mairamem uyumpirú usika kariwaitá yaneretama upé tamuseruka waá Brasil, uyunpirú waupé kua taseruka waá colonização brasileira, yawé waá, kua kariwaitá úri waitá portugal suí tauyumbue kua tupinambá, tayenga, yawé umpinima Maranhãoupé yam Paí será waá Luis Figueira, yepé pinima Sá 1621 ramewara (*Arte da Língua Brasileira*). Yawé wa suí uyumpirú kua kuiru waá yaseruka nheengatu.

Paíta taukuntai kua yenga marupi tawatá waá taumbeu tupana nhenga asui mãrupí tamukirai waá tentawaitá kua tetama turusúsá asui siíya amum tapuia ita taukuntai yuiru kua yenga mayé kuaitá: Tupi miraitá, Karib miraitá, Aruak miraitá, Tukano miraitá, Pano miraitá, Katukina miraitá, Mura miraitá, asui siíya amuitá. Yawé waá kua yenga puranga umunhã kariwaitásupé taukuntairam kua mira tairum. Yawé waá kua miraitá uikú waita kua tetama rupí, taukuntai kua yenga muiri ára taraíra tairumu. Kua ukuntai waitá nheengatu, kua ukuntai waá kua nhenga taseruka aintá “tapuios” ou “índios mansos”, yawé taseruka yaintá tauyumem resewara tairum yaintá kariwaitá usika waitá puranga sá rupí.

Século 18 ramekuera tasaisú tapurunguitá, taputai resewara taxari amum nhenga será waá, português marupí tamukirai waitá tetama, taupitá aram mayé kariwa takitiwara yawé, yawéé waá tamunhã taesarai ta nhenga taukuntai wakuera. Siíya miraitá upurunguitá waitá nheengatu, tamanum kuera mairamem aikue muramunha sá serawaá Cabanagem asui Paraguai (século 19), umuramunha sá upé awé tasasá kariwa tamundú resewara tasú surara ram. Siíya ukuntai waitá kua kariwaitá yenga será waá português úri waitá Nordeste suí kua iwí será waá amazônica kiti, mairamem tapuraki kua siringa (borracha), umunhã taukuntai karíwa nheenga, yawéwaá taesarai wam kua nheengatu.

Século 20 ramem kua nheengatu usika kua paranã wasú rupi, kariwaitá ururí waá asui paítá, kuarupí umba waá yamam kariwaitá, asui umbayuiru aikue yam Tupi miraitá kuarupí. Kuiru kua nheengatu upitá iké kua retama upé, aikué siíya mira ukuntai waá kua yenga kua tetama turusúsá, aikué piri kuntai waá kua yenga kuarupí Paraná wasú rupí (Rio Negro).

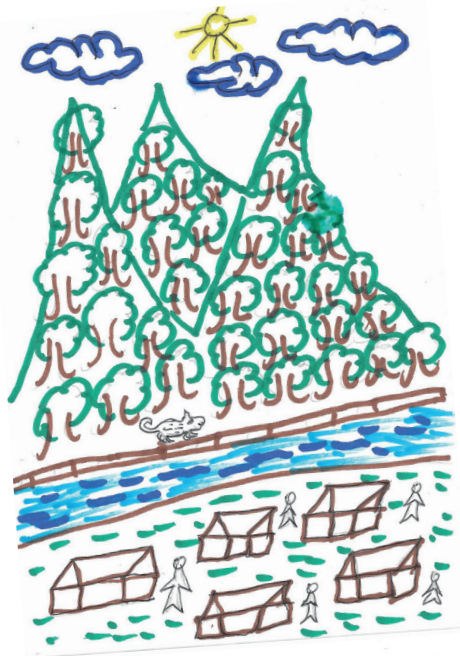
Kuxima taseruka kua nheengatú “kariwa yenga”, taukuntai resewara kua nheenga “apekatú wara tairumu”. Kuiru kua nheenga tamaã aé mayé makuitá yenga retéwa yawé; amuintá tauantai aé mayé tayenga reté wa yawé iké tetama rupi. Siíya miraitá umba wam taukuntai taramunhaitá yenga, taukuntari piri kua nheengatu maye kuaitá: Baréitá, Baniwaitá Içana rumansá rupí waitá uikú. Asui Warekena miraitá, Pira-Tapuya miraitá kuiru taukuntaipiriam taikú nheengatu taraíra tairumu, amuintá taukuntai kua nheengatu amuramentu, mairamentu usika kua miraitá ukuntai waá nheengatú. Panhem awá sewara ukuntai aé, yawé waá taseruka aé kariwa nhenga rupi “língua geral” mayeté kua tukanoitá mira nhenga yawé, será waá “tukano”.

Desde o início o nheengatu tinha uma grande variedade linguística: lexical, de pronúncia, sintática, entre outras, já que era uma língua usada por muitos povos, que falavam línguas diferentes. E mesmo a língua portuguesa influenciou na formação linguística do nheengatu. Hoje não é diferente, são diversos grupos falantes, o que resulta em uma variedade de sotaques da língua bastante expressiva. Assim, o processo de unificação da grafia do nheengatu, que está em curso, tem sido demorado, envolvendo muita discussão e pesquisa entre os falantes, que experimentam as diferentes opções ortográficas. A grafia do nheengatu usada neste livro é a mais comum entre os falantes baniwas de Assunção, apresentando ainda algumas variações. Vale dizer ainda que as formas de escrita também variam em decorrência das relações entre a representação gráfica e os recursos da oralidade (por exemplo, acentuação ou repetição de letras para indicar ênfase). Essas variações estão presentes nas narrativas deste livro, tanto em português quanto em nheengatu, contribuindo para a expressividade e a construção de sentidos dos textos.

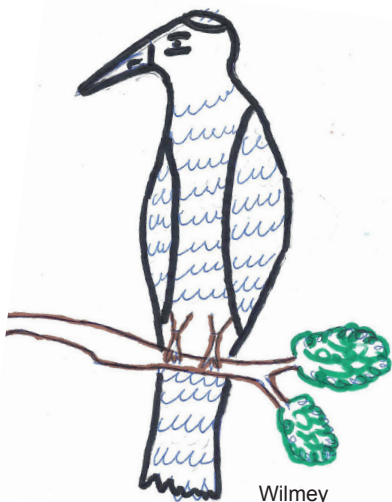
O nheengatu, como muitas outras línguas indígenas do Brasil, está perdendo espaço de uso pela comunicação em português. Este trabalho é uma ação que tem como objetivo fortalecer os usos do nheengatu por meio da escrita de algumas narrativas contadas pelo povo Baniwa da comunidade de Assunção no Rio Içana.



Paulinho A. (1º ano)



Maurício



Wilmey



Rosenete (1º ano)

Yumpirungá sui wara kua nheengatu urikú amurupí sá takuntai aé, asui taseruka sá, mairamem taukuntai, yawé, siíya resewara miraitá ukunti aé, ukuntari waita kuera amum nheenga. Kua kariwa nheenga tayuirí umunhã amurupí kua nheenga. Kuri umba amurupí, aikue siíya ukuntai wa kua nheenga; siya sá miraitá takuntai aé amurupí umunhã yukua siíya amurupí sá taseruka. Yawé waá upitá iwasú tampinima aram, yepé nungarantu sesewara, yawé waá merupí uyumunhã, yasendu ré kua ukuntai waá kua nheenga.

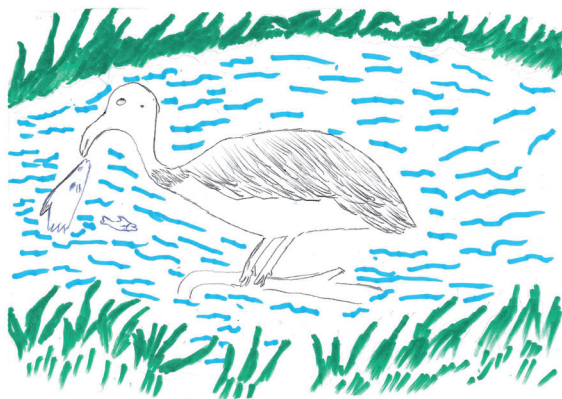
Kua nheengatu, mayé amuitá nhengaitá yawé kua Brasil turusú sá, umbawam taupurunguitá aé. Tapurunguitá piriam kua kariwa nheenga será waá português. Kua murakí, yepé manduari sá umunhãram waá yakuntari iuiri kua nheengatu, irum kua uiyumpinima Baniwaitá taukua réwaá kua tetama waraitá será waá Assunção Paranã Içana upéwara.



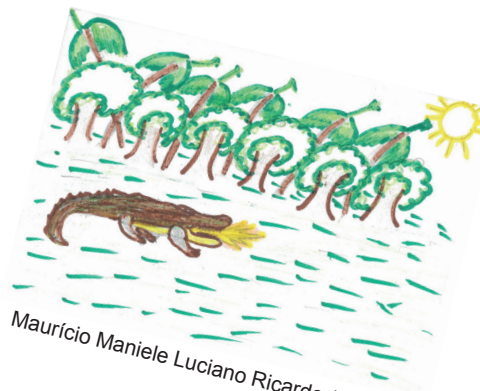
Wilmey



Misael Martins da Silva (3º ano)



Aldecio e Joni



Maurício Maniele Luciano Ricardo (1º ano)

UM POUCO DA HISTÓRIA DA COMUNIDADE DE ASSUNÇÃO DO IÇANA E DO POVO BANIWA

A comunidade de Assunção do Içana foi fundada em 1951, pelo padre José Leão Shnaider, e está situada na margem direita do Rio Içana, na área indígena denominada Baixo Içana, município de São Gabriel da Cachoeira, Estado do Amazonas.

Historicamente essa comunidade já foi denominada 'Bitiro ponta', que na língua nheengatu é o nome de um pássaro. Posteriormente, com a chegada da etnia Urubu, a comunidade passou a se chamar Carminha. Já com a influência do catolicismo, com a chegada dos missionários salesianos, a comunidade recebe definitivamente o nome de Nossa Senhora da Assunção do Içana.

Há muito tempo, no Rio Içana, os povos praticavam somente a cultura tradicional. Em 1870 os comerciantes começaram a invadir a região do Rio Içana de maneira exagerada. Muitas pessoas foram obrigadas a abandonar suas aldeias para acompanhar seus patrões extrativistas brasileiros e colombianos nos seringais e na extração de castanha. Nesse período começou a se enfraquecer a cultura do povo que habitava essa região. Foi também nesse período que o povo Baniwa, principalmente do Baixo Rio Içana, aprendeu a língua nheengatu, na comunicação com os regatões e extrativistas. Anteriormente essa língua era mais falada no Rio Negro.

Os sábios também afirmam que, com a chegada do homem branco nessa região, muitas doenças surgiram e muitas pessoas foram morrendo, prejudicando assim a cultura. Outro fator que veio prejudicar foi a chegada dos missionários principalmente no final da década de 1940. Segundo os sábios da comunidade de Assunção do Rio Içana, ela foi fundada no ano de 1951 pelo Pe. José Leão Shnaider, de modo que em 1914 o Pe. Giovanni Bálzola, salesiano, já havia feito o reconhecimento da região.

Nesse período o povo Baniwa se dividiu em católicos e evangélicos, principalmente com a chegada de uma missionária norte-americana Sr.^a. Sophia Muller da Missão Novas Tribos, que até hoje perdura em algumas comunidades indígenas. Os sábios anciões acreditam na fé evangélica e acabam não permitindo que a nova geração conheça sua cultura. No tempo passado as famílias moravam nas malocas. Hoje possuem suas casas particulares onde vivem e educam seus filhos sem ninguém perturbar a vida, mas estão revitalizando sua cultura, que nos últimos tempos estava quase ignorada, porém viva nos mais velhos.



KUAÍRA BEUNSA TETAMA, ASUI BANIWA MIRAITÁ RESEWÁRA

Tenda Assunção Paraná Icana pewara, uyumukirai waá akayú 1951 ramen Yan paí sera waá, José Leão Shnaider, uikú katusá sui Paraná Içana supé, iwí tayara wá resé, tawa São Gabriel da Cachoeira, ruakí upitá waá estado do Amazonas upé.

Yumpirungá upé kua tetama ukrikú kuera será 'Bitiro ponta' Nhengatú, rupí, yepé wiramirí rerá. Asui mairaramem usika urubu miraitá tamusera aé Carminha. Mairamem usikam kuá catolicismo asui missionário Salesianositá, tamuserucam aé Nossa Senhora da Assunção do Içana.

Kuxima kua Içana rupí miraitá tayukirai mayé taramunha tayumpirungásá yawé. Akayú 1870 ramem cariwaitá comerciante tayumpirú tawiké içana kití tasiíya Sá irum. Siíya miraitá, tamansá suí taxai taretama tasuram ta patrão tairum extrativistas brasileiros asui colombiano waitá tasúram seringa tiwa kiti asui tapuú raã castanha. Yawé rupí yumpirú upitá pituwa kua miraitá ukuasá, iké tetama rupí. Yawé wa rupí kua baniwa uikú waitá içana tumasáwa rupí, tayumpirú taukuntai nheengatu, nhenga takuntai râm regatões e extrativistas tairum. Sunderé kua nhenga ayuanté Paraná wasú waraitá taukuntari kuera.

Tuyu tambeú; mairamem kariwa tasika kua tetama rupí, siíya mansí yukuáwa, yawé waá siíya mînra umanú, umunhã piriam taresarai mã takuasá. Amun mã umuyã waá puxuwera miraitaukuá Sá supé, kua mairamen tasika paíta, década de 1940 ramem. Tuyu kua tendá Assunção waraitá taumbeú kua tenda yumpirú akayú 1951 ramen Paí José Leão Shnaider Umuyumpirú waá. Yawé waá sunderé, 1914, akayú ramemré Paí Giovanni Bálzola, uriam waá umaã mayé kuaá tetama.

Yaãm akayuitá rupité, baniwa miraitá taruyai kariwaitaukua waá será waá religião, kua áraitá rupí, aikué yepé yepé tendáitarupí. Aité utyuitá taseruka waitá anciões taruyai na fé evangélica apé tamunhã kua pisasú waitá tiam taukuá maaã taramunhã taukuasá. Kuxima kua miraitá taikú yepé uka wasú upé, kariwa taseruka waá "*Maloca*". Kuiru tarikú tarukaitá tayawé yawé mamem tamukirai asui taumbué taraíraitá, neawá umuapatuka aintá, kuiru taputai taunbeú taraíra tasupé, manungara yepé yepé tuyu tamanduari réwaá, kua araitarupí, mã siya taraíraitá tiam takuá.



Hoje todas as famílias da comunidade têm um bom relacionamento entre si, planejam e realizam atividades, discutem os assuntos de interesse de todos, promovem festas tradicionais e religiosas. Vivem nessa comunidade aproximadamente 120 famílias, entre os Baniwa (principal etnia), Coripaco, Baré, Tukano, Wanano, Werekena, Kubeu, Tariano, Puenawe, e procuram manter a identidade cultural conforme as situações cotidianas e nos momentos de manifestações culturais.

As principais atividades de subsistência e econômica das famílias são: caça, pesca e coleta de frutas silvestres. Praticam o extrativismo vegetal de cipó, tucum, tururí, arumã e outras fibras e resinas vegetais. Além dessas atividades, as famílias praticam as atividades agrícolas tradicionais no cultivo de mandioca e fruteiras adaptadas, nas roças e perto de casa, e a criação de aves em pequena quantidade para o consumo.

Algumas pessoas são funcionários municipais e estaduais exercendo os seguintes cargos: professor, técnico de saúde e aposentados. Outras famílias recebem o benefício do Bolsa Família, programa do governo federal. Alguns acham que o governo está exagerando, acostumando as pessoas a ficarem preguiçosas. Outros dizem que é uma ajuda que há muito tempo não existia, mas precisa ser bem aplicada. Atualmente ninguém depende mais do patrão colombiano e brasileiro, são quase autônomos.

A comunidade está organizada em seis vilas: Vila Mazarelo, Dom Bosco, Nossa Senhora da Assunção, Carará Poço, Santa Cruz, Sítio São Tomé e Sagrado Coração de Jesus. As casas são feitas de madeira e cobertas de alumínio e palha de caraná com paredes de madeira. Existem duas organizações indígenas: a OCIDAI – Organização das Comunidades Indígenas do Distrito de Assunção do Içana e a AMIBI – Associação das Mulheres Indígenas do Baixo Içana. Há também a APMC – Associação de pais e mestres e comunitário, um Líder Geral da Comunidade e animadores e representantes que apoiam as atividades e representam a comunidade perante as autoridades municipais e eventos oficiais.

Há uma pequena infraestrutura: um ambulatório mantido pelo SUS (Sistema Único de Saúde) sob a coordenação das salesianas, uma escola com dez salas de aula, uma sala de professores e banheiros, dois telefones públicos precários, uma radiofonia, um grupo gerador, cinco centros comunitários. Temos também uma feira tradicional, uma igreja matriz e uma capela administrada pelos missionários xaverianos, uma maloca para os eventos culturais, quatro palhoças onde funciona o Ensino Médio indígena e uma casa de apoio.

Kuirí kua miraitá uikú waitá kua tentawa upétariku tarurí sá ta anama irum, tamunhã, tamanduári tamurakí, takuntai yepewasú mã umunhã waá puranga tasupé tamunhã murasí takitiwra asui pai takitiwara. Assunção tenda upé, aikué manduari sá rupí 120 apigaitá urikuam waitá tarimirikú baniwa waitá mayé kua; Coripaco, Baré, Tukano, Wanano, Werekena, Kubeu, Tariano, Puenawe, aintá tasikai tamukaturú mã takuasá mayé takuasá muiiri ára asui mairamem taputai tamukamem takuá sá.

Murakí tamunhã waitá tarimirikú tairum asui tarairaitá tairum tapiripana ram manungara tapinaitik asui tayuka iwá kaápura.tayuka yuiri kaápe xipú, tukú, tururí, warumã, asui amum kaáitá, mirá kambí. Assui amum, tamunhã takupixá mamem tayutima waá takupixá, asui iwaitá, kupixápe asui uka ruakí, memem tamukirai suúitá, asui wiraitá, Tambaú ram.

Amuitá tapurakí kariwaitairum mayé: umbuesara, uminhakunta waá miraitá, asui tuyuitá aposentadowaitá. Amuitá governu umeém tasupé. Sifíya miraitá tanheem governu umunhã uiku puwera, umuyupukua uikú miraitá puxuwera. Amuitá tanheém yawé waá kuxima umba yamam mam puramga te mã governu umem aé tanheem. Kuirí umba wam aikue kariwa uri waá Colômbia suí, ti ramem Brasil sui te, aintá tapurakí tapesuwa nemawá umundú taresé.

Kua tenda urikú vilaitá será waitá: Vila Mazarelo, Dom Bosco, Nossa Senhora da Assunção, Carará Poço, Santa Cruz, Sagrado Coração de Jesus, maamem tamunhã tarukaitá mirá suiwara, carañirum ti ramem alumínio, tamunha supitáram mirá suiwara. Tarikú táorganização itá mayé: OCIDAI – Organização das Comunidades Indígenas do Distrito de Assunção do Içana; asui AMIBI – Associação das Mulheres Indígenas do Baixo Içana; amun kua, APMC – Associação de pais e mestres e comunitário; aikué yepé tuxawa umundú waá tendawa rese asui sumura yam yepé yepé vila puraitá cariwa taseruka waá animadores aintá tamunhã murakí, asui tasú kariwaitá píri tapurandú rama manungara.

Tenda upé aikue yepé kariwa taseruka waá, asui yepé escola será waá Kariamã, urikú 10 salas de aula maamem Tainá tayumbué waá, yepé sala mamem umbuesara tamunhã waá tamurakí, aikué mukuim telefoneté, yepé ham radiofonia, asui yepé tahem waá grupo gerador asui aikué ukaita mamem tayumuatiri ram. Aikue yepé igreja, asui yepé capela amem paítá tamundú waá.



A PESSOA-PREGUIÇA NO DABUCURI

Narrada por Divinória Gaudencio em nheengatu

Eu vou contar a história da preguiça.

Diz que antigamente havia uma pessoa que tinha seu cunhado, que tinha muitas filhas mulheres. O homem falou:

– Depois de amanhã eu vou falar com elas pra gente fazer dabucuri.

Sabemos que no dabucuri as pessoas se pintam. Ele convidou todos os passarinhos, quando chegou o dia que era pra eles fazerem o dabucuri, eles começaram a se pintar, todos os passarinhos se pintaram... se pintaram... Diz que antigamente aqueles passarinhos eram pessoas, os passarinhos eram pessoas, todos esses passarinhos que a gente vê eram todos pessoas.

Fizeram o dabucuri de lenha para aquele cunhado deles. Eles chegaram dançando, as mulheres sentavam assim em círculo, eram muitas mulheres. Naquele tempo as mulheres escolhiam seus maridos assim, quando eles faziam dabucuri.

Elas escolhiam aqueles rapazes que eram bonitinhos, aquele que era do seu agrado. A mãe disse pra elas:

– Fazem uma arrumação bonita porque depois de amanhã nós temos dabucuri, aonde vão vir rapazes para vocês escolherem seus maridos.

Aqueles homens já entraram dançando... dançando... O que fizeram aquelas mulheres? Em vez de olhar para eles, elas viraram cuspindo porque elas não gostaram deles, dos rapazes. Os rapazes disseram:

– Por que será que elas nem riem pra nós?



Paulinho A. M. (1º ano)



AÍ-MIRA DABUCURÍ UPÉ

Divinória Gaudencio umbeu nheengatu rupí

Ixé asú ambeú nhaã, aí história. Kuxíma paá, aikué yepé mira urikú paá icunhado, ikunhara yanheé waá, yandé, urikú waápaá bandu kunhã-itá, aiwã paá unheé.

– Yasú, kuiri, amúirandé asú akuntái irum, yamunhã arã kurí dabukurí – unheé.

Yamaãté yandé dabukuri upé yandé yayupintái-ra. Ukonvidái paá panhé kuá wirá-mirí-itá, usikã paá nhaã ara mamem taumunhã arã waá dabukurí, tauyumpirû tauyupintái, panhé kuitá wirá miríitá tauyupintái, tauyupintái, maã yam wirá miríitá paá yaã miraitá, miraitá paá kuxíma kuá wirá miríitá, miraitá, panhé aité kuá wirá miríitá yamaã puru mira, tauwikéã paá, tausú, taumunhã paá dabukurí, yepeawa dabukurí, ixupé aiténhaã tá cunhado, táusikã tá upurasí, nhaã paá kunhã-itá tá uwapika kuayé, bando kunhã-itá, nhaã tempo paá kunhãitá, uparawaka tá mena arã kuayé nhaãupé-ra, mairamé táumunhã dabukurí, táuparawa haã kurumí-wasú puranga miríwaá maye waá tá piá suí, unheé paá tasupé tamãya péyumukaturu puranga yansé amuwirandé yarikú dabukurí mamé (uiku) uri arã waá apigáitá peparawaka arã kurí pemena nhaã paá apigáitá tá uwikéã tá upurasí taupurasí...

Maãta paá tá umunhã nhaã kunhã-itá? Em vez de pámaã táumaã tá supé tauyeréu tautumuna yansé ti paá taugustái nhaã apigá-itá kurumiwasú, nhaã kurumiwasú itá tá unheépaá:

– Marãtatépu netam taupuká yandéarã?



Elas só estavam se penteando, sentadas, nem ligavam, elas riam mesmo, mas elas não olhavam neles.

– Não é bom, ninguém levanta pra dançar com a gente – disseram os rapazes – vamos nos pintar um pouco.

Foram se pintar e voltaram, mas ao voltarem continuou o mesmo, aquelas moças só cuspiram. A pessoa-preguiça estava olhando ali mesmo... Ele foi procurar a tinta no lugar onde aqueles rapazes tinham se pintado com cores bem bonitas, mas não tinha mais, achou uma muito pequena e esfregou na sua cabeça. Aqueles rapazes, coitados, mesmo dançando, dançando, ninguém pulou neles, aquelas moças não queriam nada com eles.

– Certo! Agora vai chegar a minha vez, eu já vou dançar – falou a preguiça.

Pôôô... Quando elas viram entrar aquela preguiça.

Pôôôô... As moças logo falaram:

– Você eu quero para meu marido... você eu quero pra meu marido... você eu quero mesmo....

Assim, abraçaram a preguiça em todas as partes do corpo. É por isso que a preguiça aqui nas costas é achatado. Por que isso? É onde as moças abraçaram ele, porque gostaram muito dele.

Aí acaba essa história, que é sobre a preguiça.

Mulheres Bonitas



Prof. Estevão Fontes Olímpio

Yaintá paá tayakapikantu taiku tawapika, ne kunta yam kunhãmukuitá. Taupuka-weraté páá, mam ti táumaã tá resé.

– Umba puranga. Táunheé paá yam kurumim wasuitá. Netam awá upuri upurasí arã yanéirû, táunheé paá nhaã kurumiwasúitá

– Yasú yayupintái xinga.

Tausúã yui pá yepé, táuyiiri, yawé téyuiiri paá, nhaã kunhãmukúitá táutumuna-ntu aintá, aiwãpa nhaã, aí mira, unheé paá, apeté paá umaã uikú, usú paá usiká-sikái umam nem awá mamén haã tá uyupintái wakuera yam pura-purangawaitá, tá uyupintái waitá ipupé, tiãpaá yamaã, uwasemu pá mirí aé ukitíkitika iyakanga resé, nhãitá paá kurumiwasúita tausúã yui paá yepé, yaweté yuíri paá, tá upurasí tá upurasí ne awá upuri tá resé, umbapu táupuri kuáitá tayem pa tamanhaita nhaã paá ipuruã wasú waitamtu tapurasí tairum, nhaã kunhãmukúitá pukusá nem maarã táuputái aintá.

– Aré – unheé paá aí – Kuirí usika, asú-re apurasí – unheé paá.

Pô!!!! Tá umaã irûm paá uwiké nhaã aí.

Pôôô. Kunhãmukú-itá. Umbaá indé aputái se menaarã.

– Indéaputái se mena. Indéaputá-putái – tauyumana kuaé wam paá aé. Penhem rupí, yawéarã paá kuá aí, iké kupépe, pemaã té uriku ipéwa, marã taá nhaã? Mamé kunhãmukúitá uyumana waá aé taugustái resewara paá sesé.

Ape upá se história, aí resewara waá.

AÍ UMUYUPIRÚ UPURASÍ



PREGUIÇA E BODÓZINHO (KAALIPA)

Narrada por Hermes Plácido em nheengatu

Certo dia, teve uma festa promovida pelo Pusanga, na língua portuguesa “remédio [cura, encantamento]”. Convidou todos os tipos de animais: aves, como *bakakos*, *fitsakas*, entre outras; peixes, quadrúpedes, quelônios, enfim, todos do mundo inteiro.

Com isso prepararam seus adornos, como cocares, seus instrumentos musicais, como japurutu, karriçú, mawáku, e outros instrumentos de dança.



Prof. Félix Figueiredo da Silva

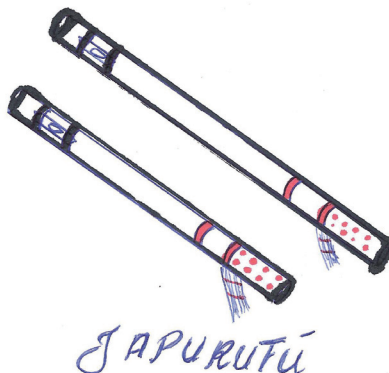
E os dois disseram:

– Como nos convidou, então vamos nós também – falou para o *kaalipa* – agora vamos ter oportunidade de abraçar as meninas mais bonitas – disse.

– Puuuxa – disse ele para o seu colega – mas no meu caso então as minhas pernas são demais fininhas – disse o dono do barro (*kaalipa*) –, elas vão se enjoar de mim.

Então o preguiça lhe falou:

– Não deve ser isso não, meu irmão, com certeza nós é que vamos nos dar bem, pode ter certeza, esses outros devem ser à toa disse.



Prof. Félix Figueiredo da Silva

TUYUCA MÂNHA ASUÍ AÍ

Hermes Plácido umbeu nheengatu rupí

Uyumpirú aram yam paá monoti umunhan dabukuri, yam, monoti nheengatu rupi pussanga yara. Aape pa umunhan dabukuri, mamen usenui wa panhen, kuaita wirámiri ita pura-puranga miri waita, bakaaku, panhen kwaita wirámiri ita pura-puraaanga waita. Aiwã pa tamunhan ta cangatara ita rã, purapuranga waita, ta yumpinima puranga, taumunhan ta yapurutú ita rã puraanga, karisúúú, mawaaaku, panhen tapurasi rupiara ita.

Aiwã kuaita mukuin ita tuyuka manha asui aaí tanhen paá.

– Paá!!! Mayé usenui pá yandé yasú yamam – aape unhen ixupe nhan tuyuka manha.

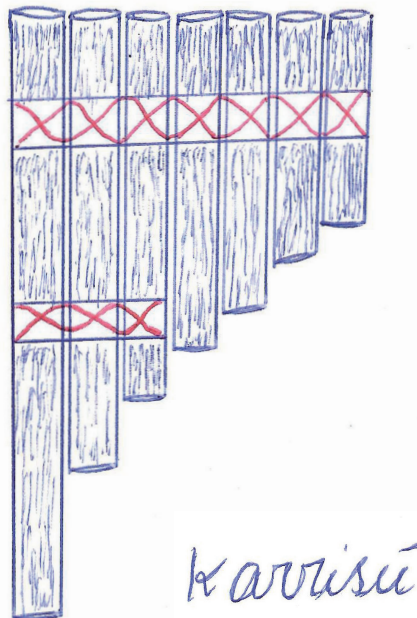
– Paá!!! – semmun, kuiru kuri pu puranga, yandé kuri pu yasú yayumana hnan kunhan ita pura puranga waita.

– Paá – unhen pa ixupé nhan ambeu wa tuyuka manha.

– Puuuxa! Mã ixé kuté ikai retã kwaá se retimã aé te kuri kuiru uyuarú sesui – unhen paá.

Aape pa uhnen nhan ai:

– Umbá kuiru nhan semun – unhen pa – yandé kuiru kuri nhan – unhen pa – repudei kuri reman – unhen pa – tenhuntu kuiru nhaintá.



Prof. Félix Figueiredo da Silva

Em seguida, foram embora. Como de costume, as pessoas vão para a festa com seus adornos, enfeites, colares e outros. Remediarão-se, para que nada de mal lhes aconteça.

Andaram, andaram, até que chegaram à casa do velho Pusanga. Enquanto a sua filha ficava num quarto sem ninguém perturbá-la e vê-la. Chegando lá começaram a dançar, dançar, dançar, e o velho oferecendo-lhes o kaxiri (bebida) e disse-lhes:

– Esposa, chama a minha filha pra que possa dançar com os nossos convidados.

– Tá bom, marido – respondeu-lhe a esposa, enquanto saía para chamá-la.

Quando essa menina saiu de dentro do seu quarto todos ficaram admirados com a sua beleza. Era uma menina muito linda. Encantados com a sua beleza, o *bakako*, o *fitsaka* (passarinho), e o *japu* resmungou:

– Puuuxa... com certeza vou levar essa menina, pois sou bonito – olhando para a sua beleza.

– É verdade – disse-lhe o *fitsaka* – mas de bêbado que você ficou, acabou se defecando – acrescentou.

– Como assim? – falou o *japu*.

Retrucando a sua palavra, disse-lhe o *fitsaka*:

– Vire-se e olhe para o seu rabo.

O *japu*, virando-se, viu o seu rabo tudo amarelado cheio de cocô.

– Por isso com certeza não vai te querer, agora eu sim vai me querer.

BAKAKU PURANGA MIRÍ WAA.



JAPU UKAU, AADE UYUKAA.

Prof. Estevão Fontes Olímpio

Aape pa tasuã ra maye yasu wa yawé dabukuri upé ra, puuu ta gangatara tairumu, takitika pa yapana ta taresé, pooo, puranga ra. Tasuuu paaa, aape pa tasika mamen ambeu wa nhaan pusanga ruka upé, monoti ruka upe. Nhan pa tayeraitá taikú mimi té úka kuara upe, ti pa taman aé. Aape pa tasikan tapurasi ra, poooo, umem pa taú kaxiri.

Aape pa monoti unhen:

– Waimin!! – unhen pa – remunduan kuri uri nhan kunhatain upurasi arama tairumu kuaita – unhen pa.

– Ereee. Usuaxara ximirikú waimim.

Aape ximiriku waimi usemu usu usenui aé mimi mamen uiku waá, mamen tamemuin renda wa pu ba.

Paaa mairamem pa usemu rameam nhan kunhan puranga miri wa, paaa, panhen yainta wira miri ita, fitsaka miri ta, bakaku mirita yui nhan.

Paaa!!!! Ixé supi kuri pu asú arasu kwa – unhen pa japu – puranga te yepé ixé – unhen pa – uyere yereu pa uman sesé.

– Paaa!!! En en té pu yepé, mã kuté reyuká ká pa – unhen pa nhan fitsaka ixupé.

– Mainta té uhen pa uxuaxara.

– Reyereu remã neruwaya ra – unhen pa ixupé.

Uyereu pa uman itawá pa paá, suwaya nhan yapú. Nhan xiputi kuera pu pa nhan uyari waá sesé ukau pukusá.

– Yawearã umba kuri uputai indé – unhen pa ixupé bakako – ixé supi kuri – unhen pa.



Prof. Estevão Fontes Olímpio

– Então – disse o japu – vão só vocês.

Nesse momento começaram a dançar, dançaram, e nada das meninas encostarem neles. Nessa festa havia uma mulher muito feia, cheia de manchas no corpo. Ela começou a dançar com os rapazes que se achavam bonitos, pois não queriam sujar suas penas tão bonitas. Enquanto aquelas meninas bonitas não estavam nem aí pra eles.

Com isso os rapazes ficaram tristes, pois não conseguiram dançar com as meninas tão bonitas. Nisso o velho preguiça falou ao seu colega:

– Puuuxa, meu primo, agora é nossa vez, vamos ver se vão dançar com a gente.

Pegaram as suas flautas (*japurutu*), e quando o preguiça deu a primeira zoada da flauta... TSEN TSEN TSENNNN, TUNNNN, RENNNN...

– Heh eh ehhhh – as meninas começaram a rir...

– Puuuxa, olha aí meu primo – falou o *kaalipa* – mas com certeza não é porque elas nos querem, com certeza é porque estão nos caçoando – pois os mesmos eram feios. Passando alguns minutos, quando começaram a dançar novamente, as meninas já encostadas nos dois primos, a velha cheia de manchas resmungou para as meninas:

– Só que o problema é que a tala do pé de bacaba (palmeira da região) encostou nas suas costas... achando graça deles... eh ehhhh...

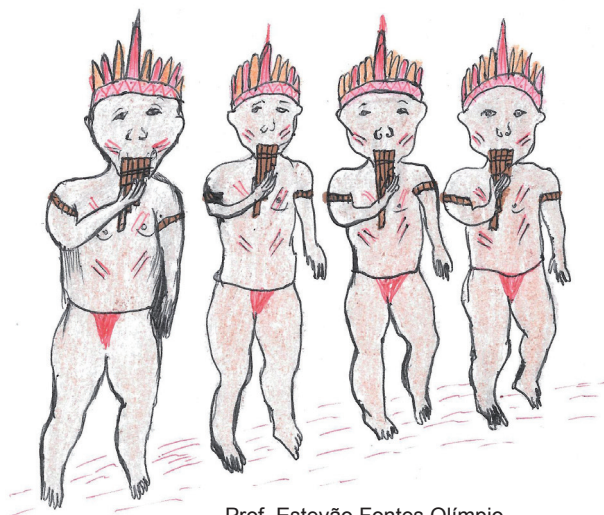
Pois o braço do preguiça parecia-se como a tala do pé de bacaba. Quando terminaram a dança, a velha ainda resmungou para os dois primos:

– Pois é – disse ela, quando terminaram de dançar – com certeza estavam cantando nas suas flautas.

Nesse instante o *kaalipa* virou-se e olhou para as suas pernas e disse:

– Puuuxa... deve ser as minhas pernas que ela está vendo – pensou. Com isso terminaram as danças.

MENINOS BONITOS. QUERENDO
CONQUISTAR AS FILHAS DO PUSANGA.



Prof. Estevão Fontes Olímpio

– Aree – unhen pa – pesuan penhen pan tu.

Aape pa tapurasian yepé ra puuuu netan. Aikwe pa nhan, yepé waimin, puxuwerã tu waá, ikiya tu waá, nhan pa puxuwerã wakwera ran tu, aé pa upurasi tairun, ti pukusa pu pa yepé ta putai tamukiyá nhan ta ráwa ita nhan puran puranga waita, reman xinga te nhan bakaku ita nhan puranga miri waita. Puuu, man ti maye, taxarin tuan umundeu iyuwá ta yuwá wirupi. Nhanpukusá pa nhan iyuwá nhan maxi ra pinima pá. Puuu, waimin upurasi tairum ra. Puuu nhan pukusá nhainta kunha puranga waita tawapiiika neman ran taputai ainta. Puuu. Tapurasi páwana, aape pa unhen:

– Paaa semun – unhen pa.

Sasiyaran pa yainta upurasi waita kwera, ta san katúan te pa yepe tapurasi, aape pa unhen:

– Paaa piiiiri!!! Yasu yamam yandé yui.

Aape pa tasikian ta yapurutú, puuuu upeyu pa yepé sá, nhaan aí aiwa, nhaan ... TSEN, TSEN, TSEN, TSEN, TSENNNNNN, TUNNN, RENNNN....

– Eh, ehhhhhh!!!! – pa upuka yeperesé yam kunhã.

– Paa reman wan – unhen pa aí.

– Man nhan kuiri ti sama uputaisa yandé nhan – unhen pa taite nhan tuyuka manha – nhan, ukasuwai san tu kuiri yane rese – unhen pa.

Puxuwerã waita ra.

– Paa!! En en kuiri – unhen pa.

Aape pa ikupuku xinga pa aité nhan waimin, tapurasi ramean pa ambeu wa. Tapurasian pa, nen turé tayatimana reté paa upúrian taresé ra. Uyumana retana pa nhan aí, misui pa nhan amun, paa unhen pa, anhuante ipuxisá iwaká retiman uyarian ne kupépe unhen pa. Tooopã mainta neyuwa pa ayen ixeyuiri... ah ah ah... Nhan pa maye tala yawe, iwaká yuwá yawe pa nhan aí yuwá. Aape pa tapurasiiii, aape pa upukan pa nhan waimim, eh ehhhhhhhh, pa upuká:

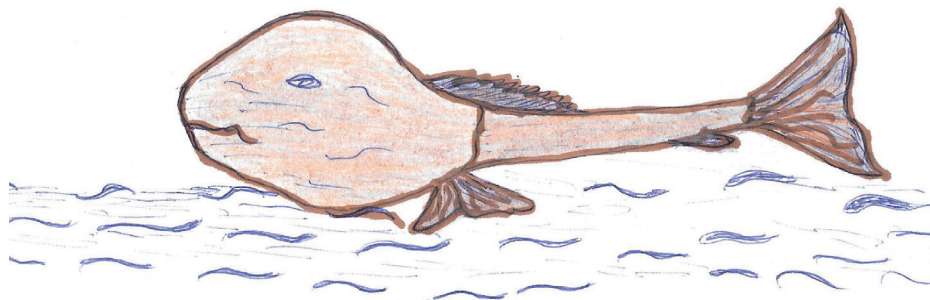
– En en kuiri!! – unhen paá yam waimim – pembá wan kuiri pepurasí, yapurutu resé kuiri nhan pe pepurasí – unhen pa.

Aape pa tuyuka manha uyereu pa umã seretimã, unhen pa:

– Puuu!!! Yan seretimã kuiri nhan umã waá – unhen pa.

Aape pa tambá tapurasí.

KALIPA = TUYUKA MANHA



Misael Martins da Silva (3º ano)

O velho Pusanga já preocupado disse:
– Puuuxa, penso eu nesses dois primos, os mais feios de todos vocês meus sobrinhos, com certeza eles levarão as minhas filhas – disse.

Demorado um pouco, o velho preguiça sentado disse:

– Agora nunca mais vou deixar esta – tirando assim a sua máscara que usava e jogando-a no chão.

No mesmo instante a lagarta, que se chama *muxiwa* em nheengatu, tirou-a e colocou-a em si.

– Aaaahhh – disse o velho preguiça – a partir de agora todas as pessoas que moram de onde o sol nasce terão esta beleza, para eles ficará assim este meu encanto. E para estes ficará o encanto do meu primo – que era a máscara do velho *kaalipa*.

Pois a máscara do *kaalipa* voltou-se apossou-se na gente. Por isso, segundo a história, nós temos essa cor e beleza. Enquanto os brancos ficaram com a beleza e a cor da lagarta que é *muxiwa*, que é muito branca.

Assim termina a história.



Aape pa unhen nahan tuyu:
– Puuuxa, anhuante amanduari kwaita resé kwaita puxuweera piri waita pesui penhen semun raira ita, aintá kuri pu tarasú kwaá serayeraitá – unhen pa.

Ikupuku xinga pa, uwapiika paá yan aí tuyuwé.

– Paaa!! – unhen pa – En en puuu. Kuiri kuri tian kuri axari kwaá – unhen pa.

Aape pa uyuka nahan suwá pirera, uyapí pa unhenun. Aape pa nhann, tapurú murutinga wasu wa, nahan muxiwa wasú, turusú wasu wa, mirá púra wasú. Aape pa uyuka uyapí sesé aé. Aape pa unhen:

– Aaaah!!!! – unhen pa – aramen kuiri pu kuri, amun ara pu kuri, kwaaa, nhaintaaa, usemun waita pu kuri, mansui kurasí usemu wa sui, ainta pu kuri uriku kwaá kwayé waá – unhen pa – tasupé pu kurí upita kwa se pusanga kwera – unhen pa – kwaita supé pu kuri upitá kwaaa. Yam, tuyuka manha pirera kwera – unhen pa.

Nhan pa tuyuka manha pirera kwera uyui uyari yane resé. Yawé arã pa yandé taité ti yasemu purapuranga. Remã pukusá kwaá kunhan kariwa wasú puuuu, puranga wasu aé yanesui ra, yandé pukusá taitééé.

Yawé upá nahan bembeusá.



HISTÓRIA DOS MATIS

Narrada por Maria Bidoca em nheengatu

Antigamente tinha duas pessoas que eram matis, pelo nheengatu, *kuati* e *tamanduá*, pelo baniwa, *tarzo* e *kapitti*. Esses matis, eles tinham veneno, eram chamados de venenosos, os mais antigos que eram donos do veneno.

Certo dia, todas as pessoas da aldeia foram tinguijar um igarapé (pescar peixe com o veneno do timbó), todos foram, só ficou na aldeia os dois matis. Chegaram numa praia, fizeram seu acampamento para dormir, armaram as redes embaixo das árvores, mulheres e crianças.

Os velhos e os rapazes mais moços, logo que escureceu, começaram a bater timbó, até a madrugada, terminaram e foram dormir. A praia era bonita, isso foi na foz do lago que fica no igarapé Uwiwa. Os homens, em vez de deitar na rede, deitaram na areia, nesse momento, os matis vieram chegando devagar, se aproximando cada vez mais perto, o tamanduá e o kuati.



Um deles disse para o companheiro:

– É eu que vou dar veneno para eles.

Veio bem devagar, ele não estava reparando pro chão, estava olhando para aquelas que estavam deitadas embaixo das árvores.

No entanto, tinha os que estavam deitados no chão, de repente, tropeçou num deles e caiu no chão.

Imediatamente todos acordaram com susto e começaram a gritar:

– Mati, mati!

Agarraram ele e amarraram numa vara, onde estavam atadas as redes deles, esperaram até o dia amanhecer.

MATÍRESEWARA – MATÍ TA HISTÓRIA

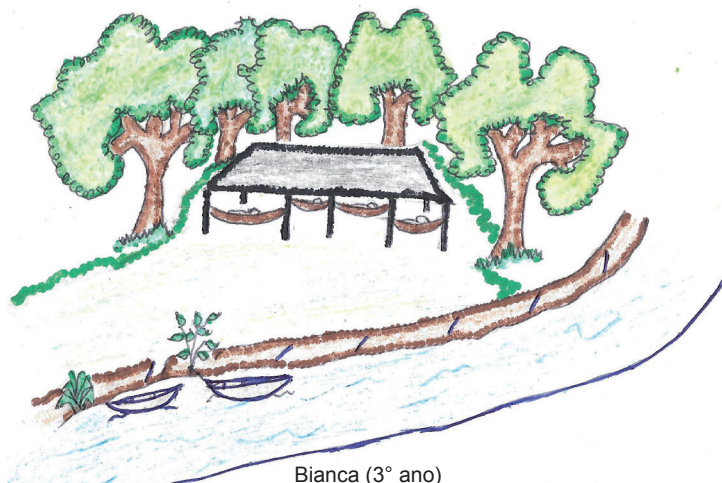
Maria Bidoca umbeu nheengatu rupi

Kuxima paá aikue mukuim matí ta sera waá tamanduá asui kwati baniwa rupi tarzo asui kapitti aite paá nhainta ta rikú waá ita marakaimbara sasí píri waá.kuxíma wara waita marakaimbara yara reté waitá.

Áape pa yepe ara pa yee tenda wara ita tasú ta timiari, yepé garapê, aape pa tasupá anhuante pa upitá pa mkuim mati ta pa. Yepe iwikuim rese pa tasika, tasu takiri, ta yaputi pa ta makira ita panhe pa ta raira miri tairumu ta rimiriku ita.

Tuyu ita pa kurumiwasu tairum tatuka ta timbu, tatukaaaaaaaaaaaaa..., ikuema irum pa tapitu aape paá tasuan takiri puranga pa nhan iwikuim. Waimim ita pa asui Tainá ita tarimiriku ita yuiri pa takiri kaá wirupi. Ipawa rumansá pe. Uwiwa rupi.

Aape pa yawe wa matí ita taurian ra mukuin tuyu ita pa tamanduá asui kwatí irum taurian pu pa.



Bianca (3º ano)

Yepé pa uri:

– Ixé kuri asu amem nhaaaam, marakaimbara tasupé – unhen pa.

Urian pu pa nhan tuyu, úuri. Aiwan pu pa iké pukusa pu pa takiri nhainta utuká waita kuera timbura takiri ta yenu. Urian pa nhan tuyu uwataaaaaa, uwataaaa pa usu.

Umam piri pa tarese nhainta ukiri waita mikiti mirá wirupi, ti pu pa umiakunta umaã uyenun waita iwipe. Nuka usuan pupa uyutuka sesé. Yan mira uyenun iwi pe, usika uyutuka ... púúúú.... Mikiti pa usasá uwari, taakanhemu pa tapaka, matí, matí, matí.

Aape pa tapurian tayumana ae tapisika ae. Tapukua pa ae makira iwa resé.

Logo que amanheceu, perguntaram dele:

- O que é que você está querendo?
- Quem é essa pessoa que está procurando?

Ele não respondeu, ficou calado, sem falar nada.

Perguntaram outra vez:

- Quem é o seu companheiro?

Ele respondeu:

- Ele está lá, o nome dele é tarzo.
- Então pode chamar ele.

Ele o chamou, respondeu, ele estava do outro lado do igarapé, respondeu assobiando:

- Fiiiii.

- Vem - disse pra ele.

Veio numa canoinha deitado dentro, olhando pra cima e remando com as mãos, encostou na praia, pegaram e amarraram ele na vara, na frente do outro.

Perguntaram mais uma vez pra eles:

- Em que vocês estão vindo?

Os dois ficaram calados sem dizer nada.

- Onde está esse veneno de vocês?



Benfício (3° ano)



Edmilson (2° ano)

Aape pa ta saru aé ikueman tu, tapurandu isui:
– Man rese ta rewata inde kuayewa manta manta kua rewata wa resikai?

Ukiririnnntu pa upuami umba pa usuxara nemaye.

- Awá ta nerumuan?
- Aikue sêra, aikue tarro...
- Resenuin aé.

Aape pa usenuin:

- Tarrooooo – unhen pa.
- Fííííí – unhen pa.

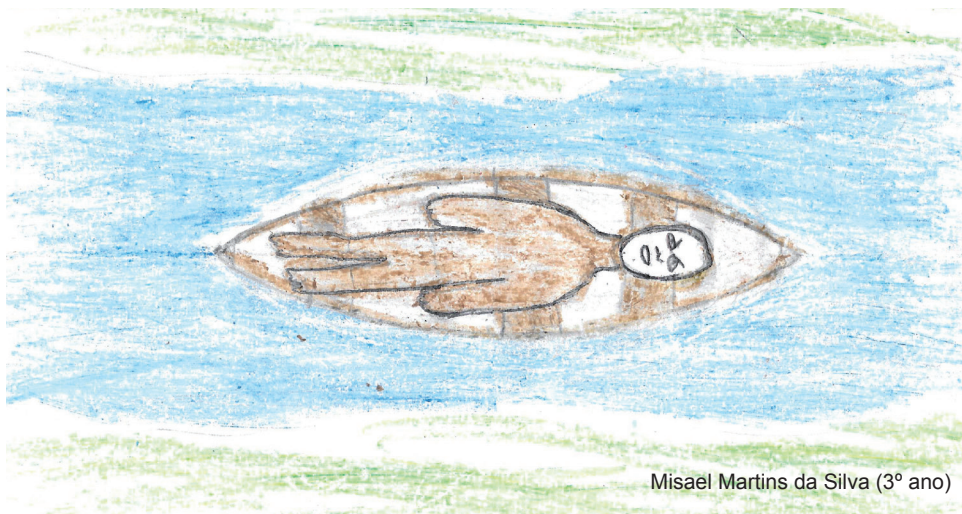
Usuaxara mími amun ruaxara kiti ipawa ruaxara kiti...

- Reyui – unhen pa ixupé.

Aape pa uri na pa igara miri Aiwa upe uyenu pa uri, ti pa uman, kuayentu pa umam, iwate kitiin tu pa uman, uyapukuiiii rana pa uri, usika uyai iwikuim resé.

Aape pa usika, tapisika aé, tapukuai ae mirá resé. Kuasui upuamu amun, suaxara sui amun. Aa pe pa tapurandu:

- Awá resé ta peyuyui
- Takiririntu NE tambeu neman.
- Maen ta kua peruatá wa?



Misael Martins da Silva (3º ano)

Naqueles tempos só usavam *kueyu* (cueca), puxaram deles, e caíram dois caroços de tucumã bem pintadinhos, onde guardavam o veneno, que pelo nheengatu se chama *maracaimbara*.

– Agora sim, vamos misturar esse veneno de vocês e dar para cada um tomar, pra vocês sentirem como é o sabor dele, isso com que vocês estão matando as pessoas.

Misturaram e deram pra cada um deles tomar, mandaram eles descerem na canoa e voltar para comunidade.

Remaram, remaram, já quase chegando perto da comunidade, um deles começou a gritar com dor de cabeça, não aguentou mais, e a sua cabeça espocou no meio. Seu companheiro ainda continuou remando, conseguiu chegar no porto da comunidade e passou pela mesma situação, a cabeça se partiu no meio. Assim terminou a vida dos dois matis, morreram tomando seus próprios venenos.

Pra terminar com a vida das pessoas dessa comunidade, fizeram uma festa, prepararam kaxiri, colocaram dentro o veneno e deram pra todas as crianças, velhos, jovens tomarem. Foi assim que terminou a vida dessas pessoas, que não sei se ainda existem nos dias de hoje.



Geovane (1º ano)



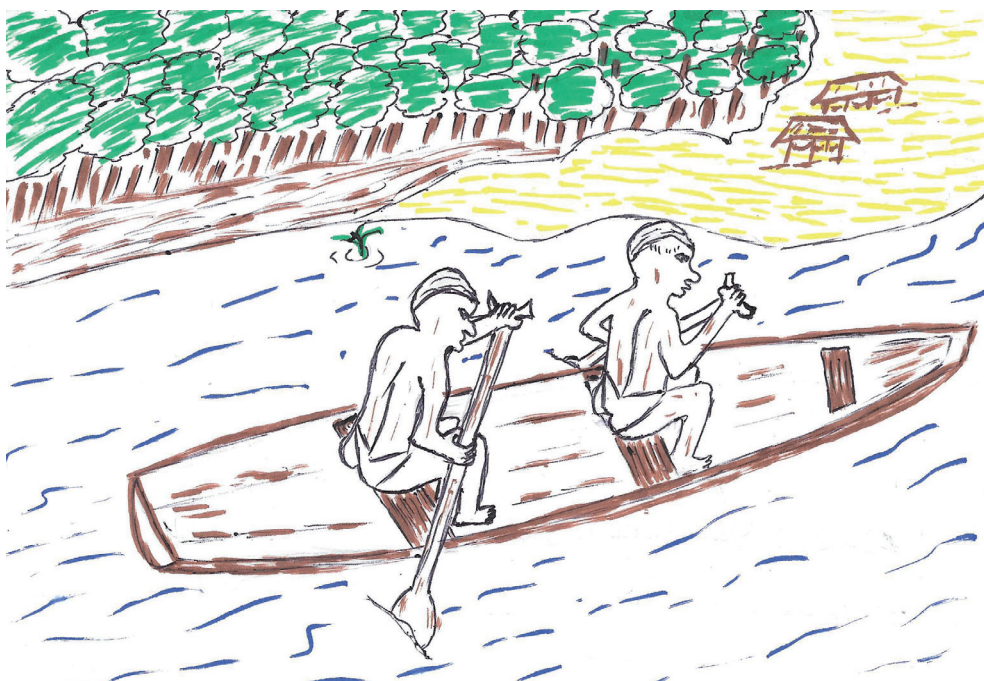
Ivan Clécio (3º ano)

Tariku pa nhan ta kueyu ai wantu tasiki yepé nhaan... mukuim tukuman pura, puranga miri waita uyumpinima ait nhan ta marakaimbara riru, are, tayuka amun suiri, kuiri:

– Yasu yamutiku peú aram, pesan ran mainta kua pewata peiku peyuká yandé. Tamutiku ta men amun supe, tamutiku tamen yuiri amun supe.

– Kui pesuan

Tamunduaan tawiye igara kiti, tayui paaaaa, taya pukuiiiiiiii, kuayentuan te pa tasika aran tarendawa kiti apektuuu.



J. Plácido (2º ano)

Aape pa i yakanga nhan isumuara upúúúka se akanga upuuuuuuuka unhen pa upuka aran, upuka pá. Isumuara kuera pa uyapukuiiiiiii, usika yui ta garapá pe upuka yui iyakanga. Aape tamanumpa nhan tuyu itakuera. ta marakaimbara upe te.taupá rama pa nhan mira ita, tamunhan pa yepé dabukuri, tamunhan kaxiri, kaxiri upé te pa tambui wan nhan ta marakaimbara, tamen wan panhen Taína, kurumiwasu, panhen ... aape ta pá. Yawé pa kwa uyupirusá kua matiara ita, aikue wa te re kuarupi, tian sá yamaan ti akua ambeu. Aape fim.

GUARIBA E ANTA

Narrada por Amarildo Castro em nheengatu

Antigamente havia um animal chamado anta, e outro que chamamos de guariba (*wariwa*, em nheengatu). Quando o guariba começa a cantar, inicia com o seguinte, grita “uuuuuuuhhhh”, na verdade não era assim no princípio. Pois o som, a voz dele, soava bem fininho “fiiiii”. Agora, quanto à anta, ela gritava bem alto “uuuuuuuhhhhhh”.

– Ah! – disse o Deus supremo – Desse jeito não dá, não dá.

Por que só o macaco tem voz grossa e alta, enquanto a anta bem fininha? Foi por causa disso.

– Compadre – disse o guariba – vou roubar... roubar esse..., porque isso não é bom para a humanidade.

Pois a anta com voz grossa, caso grita de repente, capaz de assustar as pessoas, enquanto o macaco não, porque tinha voz fininha.

– Ah – disse o guariba.

De todo jeito ele tentava roubar, pulava, pulava. Certo dia chegou e ficou conversando e disse para a anta:

– Compadre, deixa eu ver o seu apito.



Prof. Félix Figueiredo da Silva

WARIWA ASÚ TAPIRA

Amarildo Castro umbeu nheengatu rupí

Kuxima paá aikue yepé tapira asuí wariwa. Kuxima paá mairamé wariwa usasemu tapira iyenga wasu, asui wariwa nheenga miri “fií” mirí-ntu paá i nheenga puxa unheem waria ti puranga. Tapira paá nhaã usasemu waá tiapu “uuuuuhhh”... puxa unheé paá. Ape tupana unheé:

– Ti puranga... ti puranga kuá jeitu asú axai makaku nheenga búwã... tapira i nheenga mirí – unheé paá tupana.

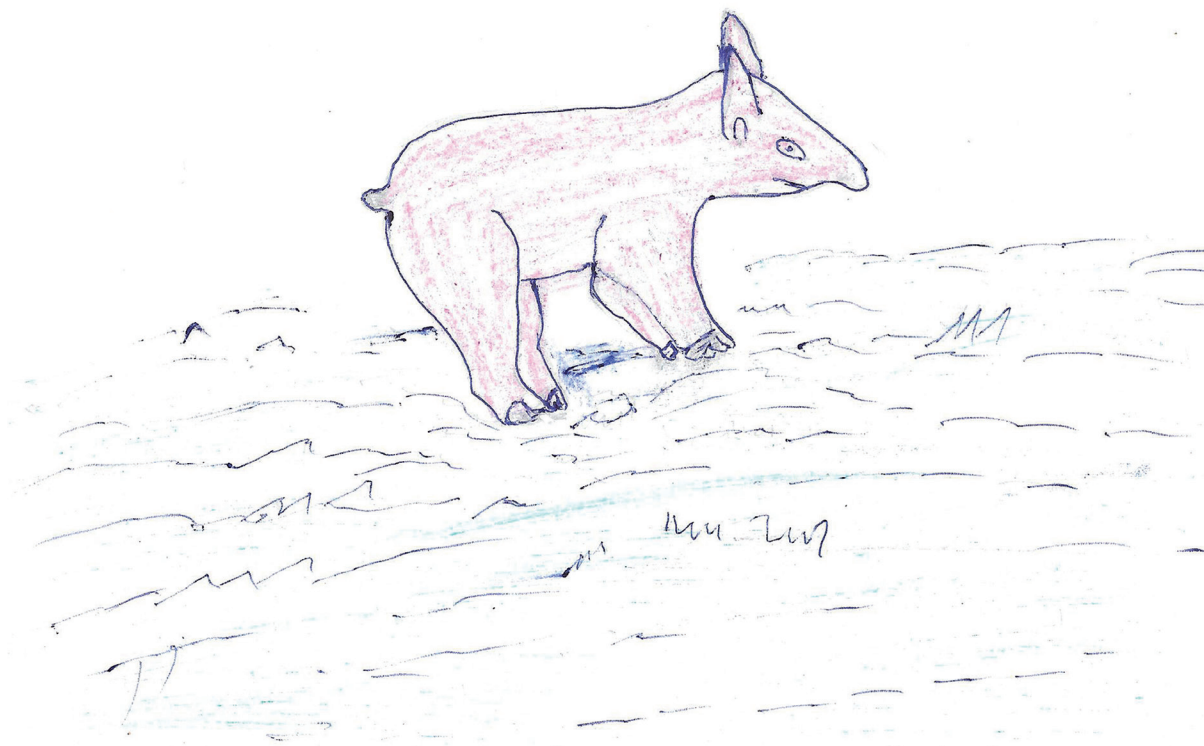
Wariwa unheé paá:

– Ixé asú amundá kuá tapira apitu porque ti puranga mira-itá supé arã... porque tapira búwã retã i nheenga... kuayé si usasemu umutawá mira-itá. Makaku, wariwa uyemm ixaram kuri upita iyapito

– Puxa!!! Wariwa uminha panhé maã jeito, usú-wera upúi-upúi nhaã tapira ruaki umundá arã-ntu i apitu-mirí. Até paá yepé ara usika paá... ukuntai:

– Kumpadre rexái amaã ne apitu – unheé wariwa.

– Ixé amaã kuá ne apitu – unheé paá tapira supearam.



Jonison Fontes Brazão (2º ano)

Ele falou indignado para o compadre dele:
– Hoje estou vendo que o meu compadre é alegre mesmo.
Ele insistindo:
– Deixa eu vê o apito, seu compadre.
Responde o compadre:
– Não posso lhe dar, porque esse é meu.
– Não, só para vê como que aparece, é rapidinho só, depois lhe devolvo.
– Já te disse que não dou, porque esse material é meu, você também tem e eu também.
– Mas eu não estou querendo tirar de você, só estou apenas querendo ver, sabe?
Disse o guariba pronto para roubar dele.
Mal mostrou para ele, o guariba pegou, saiu pulando para cima.
– Agora sim – disse a anta – esse vai ficar comigo.
Por causa disso, hoje em dia o guariba, quando canta, grita assim:
– Uuuuuuhhhhhh!
A gente ouve, aí consegue escutar de longe. Devido à consequência do roubo do apito da anta que ficou para o macaco. E o apito do macaco ficou para a anta.
Assim termina essa história.



Vitor Felipe (1º ano, aluno de SP)

- Há kumpadre kuá ti apudei ameem porque kuá se apitu.
- Umbaá amaã arã kutara-ntu kurí.
- Umbaá ti ameé, porque kuá se yara indé reriku-te ne yara, asuí ixé arikú-te se yara ixé yui.
- Umbaá ma ixé ti sá maã aputai aiku, amaã arã-ntu mayé taá yukuasá unheé paá wariwa.
- Prontuam pá uiku nhaã umundáram tapira sui mairamem tapira umukameé-ntu ixupé, wariwa upui upisika tapira apitu uyupiri iwaté kití...
- Aaa kuiri supí – unheé paá.
- Kumpadre kuiri kuá ne apitu kuri upitá ixé arã – unheé paá wariwa.
- Yaweram paa kuiri usasemu ramé “uuuuuhhhh” apeatú resendu porque nhaã paá tapira yara waá kuera aité nhaã wariwa yara kuera aité:
- Fiiif...
- Upitá tapira supé arã.
- Então apé upa história.



Vitor Felipe (1° ano, aluno de SP)

HISTÓRIA DOS MAKIRITÁRIOS

Narrada por Divinória Gaudencio em português

Antigamente existia um clã em que as pessoas se transformavam em onças, chamados Makiritários. Eles usavam um tipo de remédio [encanto], que em nheengatu chamamos *piripiriaca*.

Eles eram seres humanos, só quando ia pra caçaria que se transformavam em onça. Isso acontecia quando uma moça passa de uma fase de adolescência para a juventude. Os pais, juntamente com as pessoas da aldeia, saem à procura de alimentos, isso aconteceu como forma de dabucuri.

Para poder conseguir alguma coisa, eles se transformavam em onça, porque naqueles tempos não existia material de caça e pesca. Não era qualquer pessoa que tinha esse encanto, apenas um que preparava para todos, que passavam pelo corpo para se transformar. De dia tinha várias funções, o pajé antes de eles saírem fazia o trabalho para cada um:

– Você vai vigiar a mulher que vai tirar mandioca mole, e você vai vigiar a mulher que vai para roça.



José Maria da Silva (1º ano)

MAKIRITÁRIO UMBEUSÁ

Divinória Gaudencio umbeu kariwa nheenga rupí

Kuxima paá aikue mira ita tamirasá waitá Makiritário, tayereu waita yawaraté sera waita pá Makiritário, aita paá umbaá yawaraté rete waita, yainta mira itá, yepe mira sa itá.

Kuxima paá yakueté, umbá tarikú mukawa, pinda, umuturísá maupé tasikarí arama tarimiara. Ainta paá tariku yepé pusanga serawa PIRIPIRIAKA, ipupé arama wa tayereu. Yawewa resewa, payetá tamuyã dabukurí mairamem ukasimaim (iwaimim), apé tasú tasikarí tarimiaras yam mira itá (suú, pirá), yawewa resewará tasemu, tasú tasikai tarimiara.



Jaumar, Germano e Arlison (1º ano)

Tapuderi arama tayuká tarimiara, tayereu yawaraté, panhem ainta tariku yepé murakí tamuyaram, ainta tawatá kuarupité yenem retama rupí. Yansé aita tawatá garapé apira tarupi, muimri ara, asui pituna ramem tamusasá taresé PIRIPIRIAKA maupé tayereu aram yawaraté, ipupé aram tasikai tarimiara.

Ara ramem paá tarisú yepé manungara tamuram, yansém paá aita tapesuwa umba tapuderi tamunham nemãã, aikue páá yepé mira serawa TARUWIXÁ, ayuanté aéurikú waá PIRIPIRIAKA, yansé ainta tariku yepé murakí, indé kurí resú resarú aité yã kunhã usú uyuka manainka menbeka pilerá, asui indé resú resarú, usú waá kupixá kití, yansém aita paá umbá pá tayukua apigá tasupé, tayuwa piri paá kunhã tasupé arama.

Porque essas onças que são Makiritários só apareciam para as mulheres. Eles não saíam em qualquer época do ano, só saíam na época da seca, porque procuram caçar nas cabeceiras do igarapé.

Saíam de noite, matavam anta, cutia, paca... e outros que encontravam.

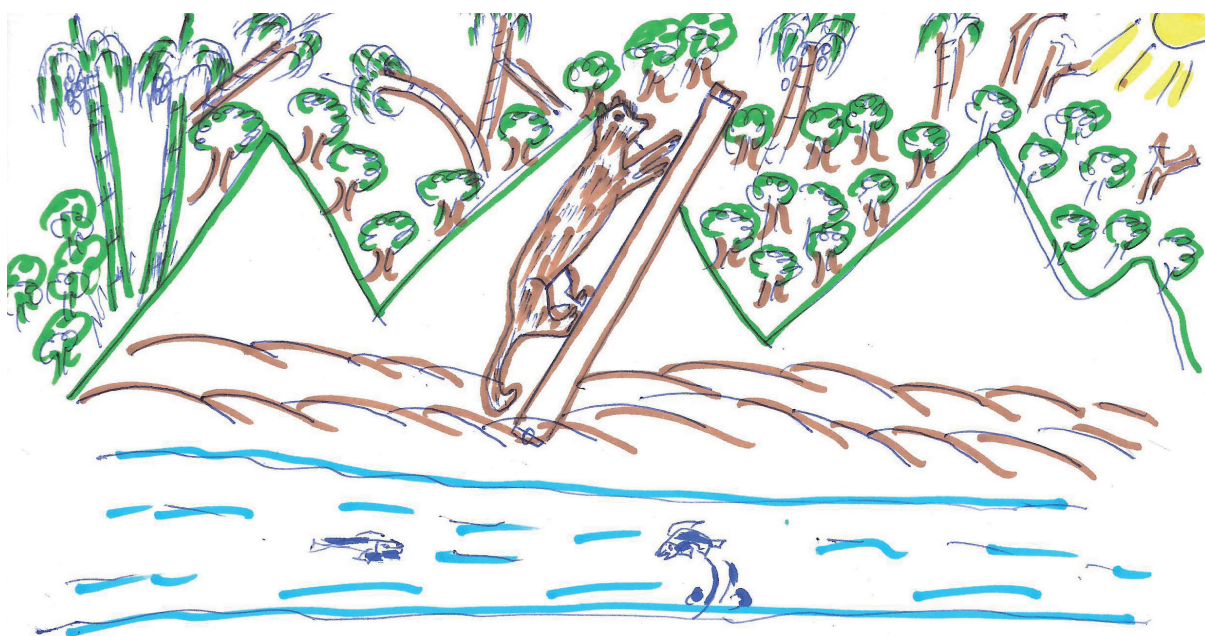
Diz a lenda que, na hora de eles se transformarem, a cabeça fica para trás. É por isso que quando as pessoas atiram na onça que é Makiritário, eles não morrem; porque a sua cabeça fica para trás, é difícil de morrer.

Não pode matar esse tipo de onça, se matar, tem consequência, por exemplo, no lugar ou comunidade onde foi matado o Makiritário (onça) vai aparecer muitos fazendo assim vingança. Porque eles são pessoas que, quando se transformam em onça, é só para defender as pessoas.

Eles não podem chegar nas serras porque nessas serras vivem animais e onças que devoram e matam.

Hoje, nesses dias, eles não aparecem mais, porque já têm instrumentos de caça e pesca para o uso, isso facilitou a vida daquele clã. Porque saíam ou se transformavam por causa disso.

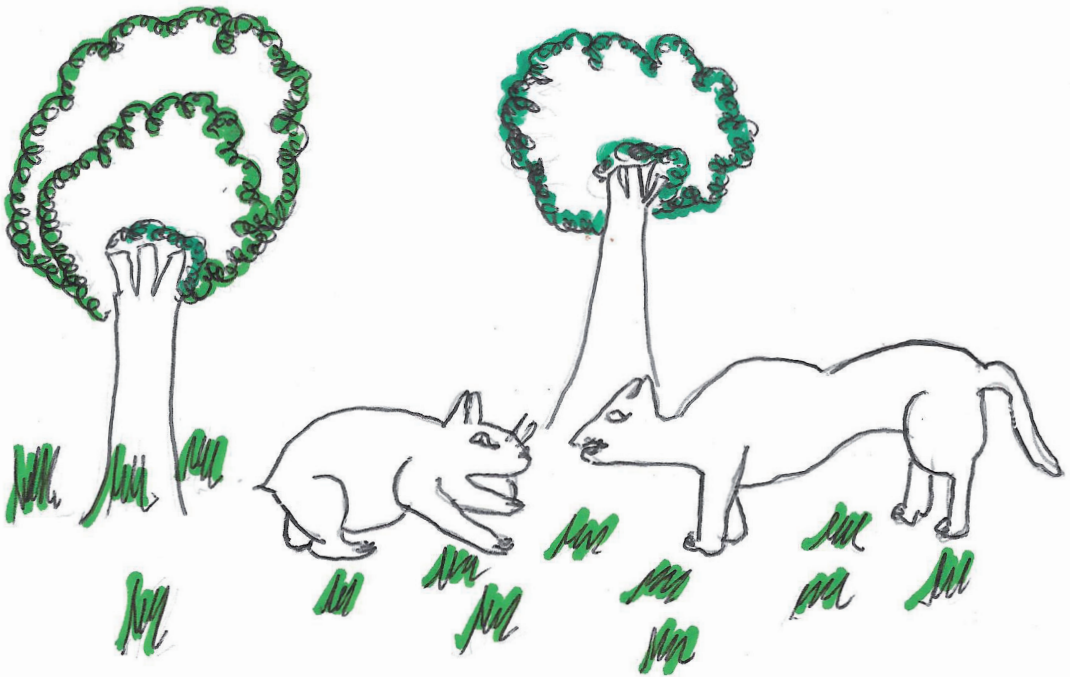
E assim ficou sendo mais fácil o dabucuri.



Alex (1º ano)

Kuxima paá ainta tawatá kaá rupi, umba paá tamunhã puxuerá mira tasupé, ainta paá tamurakí tamiakunta aram mira taresé, tamaram manungara tamunham, mairem paá tasú.

Tayuka, PAKA, AKUTÍ, TAPIRA... maã tawasemu waá.



Sabrina Macêdo Cordeiro (1º ano)

Mairame paá tayuíri tasika táremdawa kití, tayumumirá paá. Umbá paá tapuderí tasika uwiterá resé. Yansé paá apé akue yawaraté retewa itá, umbau waita mira. Yansem paá yã yawaraté itá ta akanga upitá ta rakuera kití, yawewa resewará, mairam tayapi ainta umbá ta manum, yansem iyakanga upitá sakueratí. Umbá paá yapuderi yayuká, yepé tasuiwara, mairamem pá yayuká yepé tasuiwará, tayumum siya piri, yansem paá yã mira retewa itá.

Kuara rupi umbá wam tayukua, yansem tarikuana: PINDA, MUNKAWA, ipupe arama tasikai tarimiara, mamem taikuwaá. Upita piri iwasuima tasupé tamuyaram dabukurí.



MAKIRITÁRIOS

Narrada por Hermes Plácido em nheengatu

São pessoas iguais a nós, mas eles têm um remédio (*peripiaca*), que o avô deles deixou para eles. É na cachoeira de Garça que se originaram, o lugar onde nasceu essa história, pelo baniwa se chama Maliwai, onde Nhampirikulí deixou uma serra bem alta, onde é a aldeia dos avós Makiritários.

Um dia um dos irmãos Makiritários falou para seus irmãos:

– Vamos lá no lago procurar peixe para nós comer?

– Tá bom – responderam.

O cunhado deles, que era da etnia Wariwa, falou:

– Como é que vamos para o lago, é muito longe, se não temos canoa?

O seu cunhado Makiritário respondeu:

– Não se preocupe, eu sei que você está com medo, mas você não vai passar fome, nós transporte com que vamos.

Dali eles foram, pegaram uma canoa, logo que chegaram, o cunhado deles disse:

– Agora vocês tomam banho!!!

Obedeceram e foram tomar banho.

Só que eles não tomaram banho, os cunhados que não eram Makiritários e que mandaram. Terminando o banho, o Makiritário foi tirar o remédio deles (*piriperiaka*) e atravessaram para o outro lado do rio, ficaram no lugar chamado savana branca. Chegando nessa campina, o cunhado deles disse:

– Agora sim, nós já vamos – eles eram 12 pessoas.

Nessa hora, chamou um por um, deu o remédio (*piripiriaka*) pra eles e disse:

– Primeiro vocês passam no rosto, depois nos braços e podem se vestir.

MAKIRITÁRIOS

Hermes Plácido umbeu nheengatu rupi

Kua umbeu ixé arama, serawa Luiz Veiga, aé umbeu taresewará kua Makiritário itá, kua itá pá Makiritário itá, mira itá yaneyawewa itá, ainta pá tariku pusanga, ta ramuwam uxariwaté pá tasupé, Wakará cachoreira upé, apé pá tanaseri wá, serawaá baniwa rupi Maliwai, asepá tupana uxari waá yepé iwitera wasú iwatééé. Apé pá tarenda yaimtá samunhã ambira aité, aiwam pá uyem yepé ara, imum tasupé, kui kuri yasú yawatá unhem pá, yasú kuri yawataá mim ipawa tiwa kití, yasú yambau pirá, apé pá unhem amum taruayara, aé pá yepé warriwa, apé uyem.

– Maitaté kuri yassuaram ipawatiwa tí?

Apekatuyam, umbá pá tariku igara, apé pá unhem suará.

– Terekua maresé, yakua katú indé resikié reiku. Yendé umbá kuri yamanum yumansí, yandé yariku, maunpé yasuaram.

Apé tasuana pá, tapisika igará wasú, tasú taiku mamen ambeu wá, apé pá tasika, unhem suayara supé:

– Kui peyasuká pesui!

Apé pá tasuam tayasuka, tayasuka pá, yanpá tayasuka waitá pá taruayará itá tupá, aita pá unbaá tayasuka, apé pá tasemu, usú uyuka tapusanga sera waá PIRIPIRIACA apé pá tasuam, kui kuri yasú yayasá sendawa kiti. Apé páá tasika campina wasú upé, apé uyem.

– Kui supi – unhepá – kui supi aiwã yasú kua.

Yepé pú mucuim pá aintá. Apé pá umewã tasupé.

– Pemusásá kuri aé peruapé – uyem páá.

Takitika taruapé, takitika tayuwa resé.

– Kuri peyumamumdeu wã.

Lauciene (1º ano)

Depois tiraram o *peripiriaka* que ele tinha preparado no *darapí* (vasinho de cerâmica), derramaram no corpo, imediatamente se transformaram em onça, isso foi a forma de se vestir dos Makiritários.

De lá vieram, já como onça, até chegar no buraco grande, chegando lá tiraram as suas roupas de onça, porque quando vieram de lá, eram apenas um tipo de onça, que o cunhado deu pra eles através do remédio na hora de se transformarem. Dentro daquele buraco, havia várias roupas de onça.

Então o cunhado Makiritário, que estava acompanhando eles, chamou um de cada vez para dar outros tipos de vestimentas com cores diferentes: branco, preto, vermelho. De lá vieram para um lago.

O chefe deles disse:

– Agora sim vocês vão moquear.

O cunhado do Wariwa disse:

– Como é essa coisa?

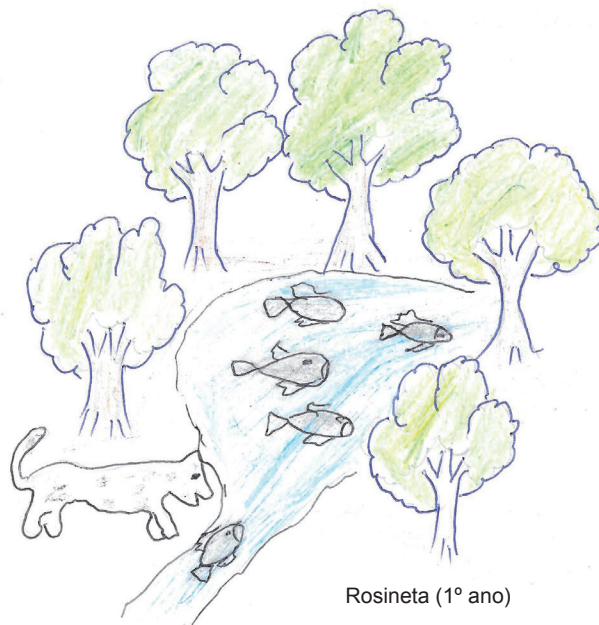
Ele não estava sabendo o que estava acontecendo. Nós somos animais, ele sempre via eles comendo paca, matavam cachorro e comiam, assim acontecia com outros animais. Quando chegaram no lago, comeram peixe cru.

Ele disse:

– Eu não estou acreditando no que está acontecendo. Agora eu vou descobrir o segredo deles, o tipo de remédio que esses Makiritários usam.

Esperou o chefe dormir, foi ver se era verdade mesmo que o *piripiriaka* era o testículo dele, da onça Makiritário, ele estava deitado dormindo profundamente.

Então, ele foi mexer no testículo da onça, no entanto, esse era o segredo deles. Quando mexeu, imediatamente, seu cunhado acordou, virou nele e o matou. Logo que o matou, deu a ele um nome, seu nome será Marka.



Rosineta (1º ano)

Aiwã pá tayuka yã ukitika wã tasupé darapi upé, tayuyusena ipupé, tayuyusena pá té umpupé pôôô, yawaraté tuyuwérá, urikuam ipirerá. Aité páá yã Makiritário itá. Aiwã tauriããã.... Apé pá tasika ike yãupé, iwikuará upé. Apé pá tasika taiku, apé páá tayuka. Ape pá tayuka tapirera itá, yanse pá tauri minsui yepé té tapirera nunga, umem wá tasupé mimiré. Aiwã pá iwikuara wasu upé, yepé yepé sarupí tamamem tasupé tapirerá (murutinga piranga pixuna...). Tambá tayumadeu tauriana ipawa tiwa kiti. Apé uyem yãã taruwixá, kuiiri kuri pemukãi. Apé pá uyem:

– Maita táté kuri? – unhem pá tá taruaya! Yandé suú!

Apé umã tambau suú, tayuka yawará itá. Tambau itá, amuramem tayuka suú tambau aé. Tasika ramem ipawa tiwa upé tambau pirá uyima wáá.



José Maria da Silva (1º ano)

Apé paá uyem maita táté puba, kuiiri kuri asu amã mamem tayã pusanga tarikú kua Makiritário itá. Aiwã páá umaramem pá taruwixa ukiriam, usuã umãã, supí té tepu yã piripiriaka yãpa sapiá. Yã yawaraté rapiyá pá. Uyenu wasú pá uiku yã taruwixá, yã pá piripiriaka itá sapiya upé taiku. Apé usú uyuaki supiara ram nunka pá yã yuminsá, usú uyuaki supiará sapiya resé, suxará té suayará té uyuka aé rá. Apé pá markarí aé apé pá uyem:

– Marca surí nererá, kuiiri kuri ixé ré asu ayuka indé.

De lá foram, depois de ter matado o cunhado, tirou o seu coração e foi dar para a sua mulher, que era irmã dos Makiritários, o coração dele vai ser chamado *markalikali*.

Se você matar esse tipo de onça, que são Makiritários, eles não deixam as pessoas em paz, cada vez vão se ajuntando mais. É por causa disso que eles têm o nome de *markalikali*.

Eles passaram por aqui, matando e comendo cachorro, passaram no lago Preto, depois passaram no lago do Tatá, lá eles comeram, de lá cortaram para Inírida e foram chegar na serra do Urubu, onde mataram anta, puxaram suas tripas até chegar no igarapé Inírida. Os Makiritários levaram a tripa da anta até a cabeceira do Wawiyári, que é chamado igarapé do Akutí, lá chegaram com a tripa.

– Agora sim – disse o chefe Makiritário – peguem a tripa da anta e dê para o nosso cunhado.

Seus irmãos responderam:

– Onde ele está?

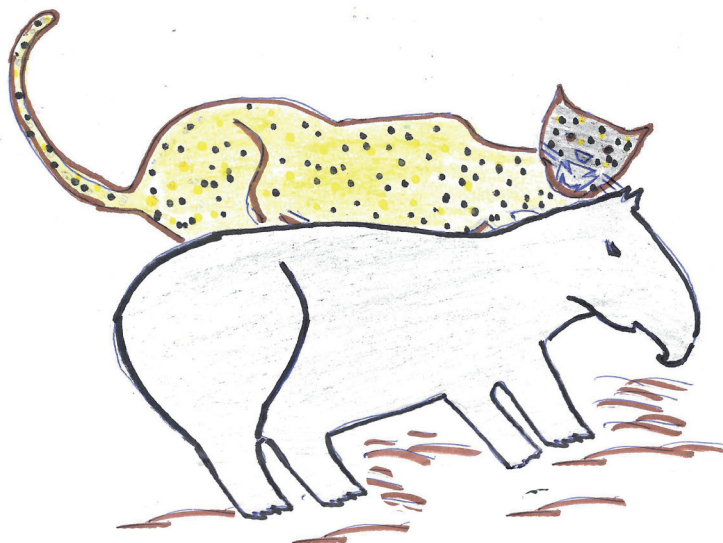
Viraram e só viram um pedaço de pedra branca que chamamos pedra de amolar.

Olha ele aí, no entanto essa pedra era o cunhado deles, Urubu. Deixaram a tripa perto da pedra e foram embora. Voltaram para aquele lugar e viram que não tinha mais aquela pedra, nem a tripa da anta. Virou pro lado e viu um homem careca que era o seu cunhado.

O cunhado Makiritário lhe disse:

– A partir de agora é aqui que você vai viver, eu vou pra outro lugar.

Ele foi e matou a anta. E por causa disso que esse igarapé tem o nome de igarapé da anta, que fica no *papunawi* onde chegaram os velhos Makiritários, que vivem lá até os dias de hoje.



Alcy (1º ano)

Apé pá tausuum, ayuka pá suayara, piya, umem ximiriku supé yã, tarendira Makiritário tarendira, apé pá, umuseruka aé. Markalikali, Yawerã mairamem reyuka Makiritário tá umbã taxai indé. Yawerá umbá pá puranga yayuka makiritário tá. Yansére reyuka ramem tayumusia yãtu yã Makiritario itá.

Yawé umbeubeu ixé aram yã mira, tasika kuera pá ike yawaraté itá, tambau pá yepé yawará pixuna, tasasá ipawa pixuma upé tambau, asui tasasá ipawa tatá rupi, apé pá tamunusuka inirida kití, apé tasika yãupé urubu iwiterá upé, mamenpa tayuka tapira, tasiki ubuxu uwarí inirida kití, apé yã makiritário itá tarasu ibuxu kue wawiari tapira kití, tambeu wáá akutí garapé, apé tasika irum, apé pá uyem taruwixa.

Suiri kiri, pepisika suri tapira buxu, pemem yanem ruayará supé.

– Mamem tá aé? – uyem pá.

Iyereu pá umãã itá wasú itá itakibá murutinga waita. Nunka pupa aité taruayara kuera yã Urubu, Umburi uyenum tasuam isui, tayui pá tama neawa, uyui pa umã Suayara awa ima wasú pá aé, mira wasú pá, ike suri revive, uyem páá ixupé:

– Ixé suri asú mikiti, ape asuam.

Ayuka tapira, yawerã sera tapira garapé uiku papunawa rupia pé tasika, apé upita tarendawa yã makiritário itá, mansui tauri wá mamen taukuwá sera wá tapira garape. Apé pá tarenda. Mamem tuyu Makiritário ta renda.



Gleibson da Silva (1º ano)

ORIGEM DA NOITE I

Narrada por Hermes Plácido em nheengatu

Essa origem da noite começou com o Nhampirikuli mesmo. Uma vez Nhampirikuli sentou láááááá num lugar pelo Caiarí, onde tinha o nome de nariz de caititu, lá ele foi sentar e ficou pensando, sentou no pequeno nariz de caititu, sem saber como fazer, falou:

– Será que não tem como adormecer essa minha tia velha? – falou. Era pra ele ir dormir com a sua prima, o nome da prima era Dzerrua, uma mulher bonita.

– Como vou fazer? – ele pensou.

Todo tempo era dia, não tinha noite, a tia não tinha sono por não ter a noite.

– Tá bom, eu vou procurar ainda.

Ele foi até a cabeceira do Rio Caiarí na serra chamada de Tururí, onde morava o marido da tia do Nhampirikuli, o homem sem cabeça. Chegou cumprimentando:



Sabrina Macêdo Cordeiro (1º ano)

PITUNA YUMPIRUNGÁ I

Hermes Plácido umbeu nheengatu rupi

Kua pa pituna yumpirungá, Nhampirikuli muraki teyui, yepe viaje pa Nhampirikuli usú uwapika mimmm, caiarí rupi, sera yam taititu tim pá, baniwa rupi sera páhlitakoita taseruka, asepá usu uwapika umanduari, remam taititu tin kuaíra aapé pá uwapika, pooo nem pa ukua manhem, apé pá unhem:

– Será que ti mam umem amunguiri ram kua setiya waimim – uyempá.

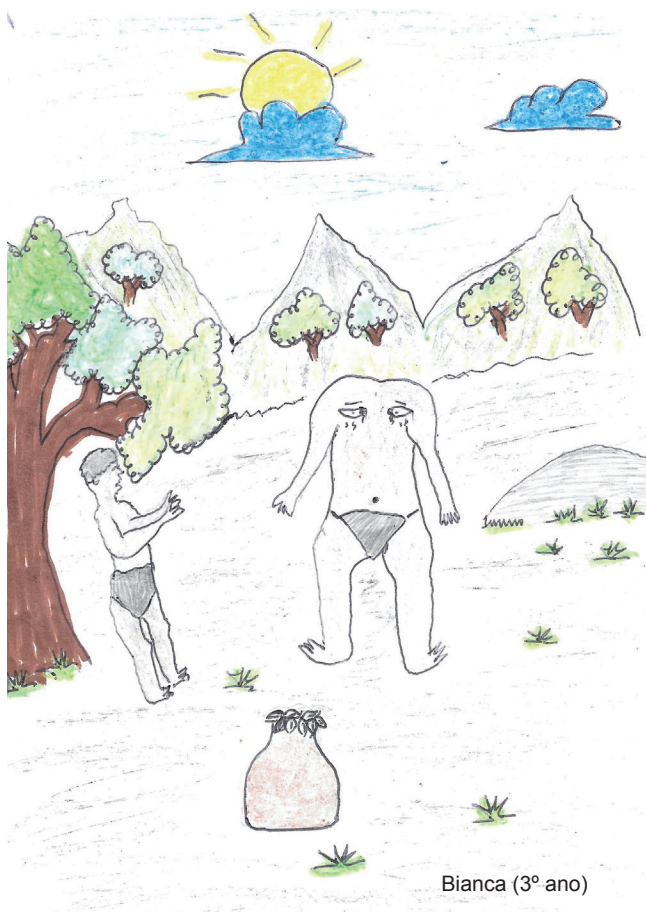
Usuaram yepé pa uyupusi yam iprima, yam dzemerrua pa sera yam iprima, kunham puramga waá.

– Mainta pu mam amunham – uyem pa.

Yam kuaye wara, ára wara uiku, yam itiya ti ukiri nemam tiyamam ttipusí, tiyamam yam pitunaba.

– Aré toopam asuré asikai.

Aiwam usuam até mimi yam Caiarí apirupi te tambeuwá tururí iwitera, apé pa uikú yam yurupari akanga íma, Nhampirikuli tia mena, apé usú upurandú usendú aé, usika ibanda kiti:



Bianca (3º ano)

– Titio – falou.
Levou moqueado de bodózinhas e tinha somente um tamuatá, chegou e deixou os moqueados e falou pro tio:

– Eu vim com você titio.

– Precisa de alguma coisa?

– Eu queria que fosse assim... Eu queria casar com a filha da titia.

– Há!! Meu sobrinho, eu acho que isso você não vai conseguir, só se você procurar um pedaço de lenha.

– E agora, onde vou achar esse pedaço de lenha?

O velho respondeu:

– Vai até onde tem três serras, um de nome viado, cutia e japu. Lá você vai encontrar ele, e ele vai dar pra você, vai lá com o teu tio, lá morava o dono da noite.

Nhampirikuli chegou chamando:

– Titio, como vai?

O velho respondeu:

– Tudo bem.

O velho estava tão cansado de tanto dormir, seus olhos estavam tão sujos de tanto dormir, o velho não parava de dormir.

Nhampirikuli falou:

– Era isso que eu vinha pegar com o senhor.

– Tá bom! Mas você vai esperar dois dias.

No entanto não se sabe quando se passa dois dias. Quando completou três dias, que não passava de três horas, o velho trouxe um pequeno pote que pesava muito, chegou e disse:

– Aqui está, meu sobrinho, pode ir para onde o sol nasce, somente lá você poderá abrir esse pote.

– Tá bom! – respondeu.



J. Plácido (3º ano)

- Titio – uyem pa.
- Urasú pa mukaim, urasú pa puru patitu, yepé yunté pa tamuata, usika pa uxai ainta:
 - Ayui nebanda kiti titio – uyem pá.
 - Manta preciso – uyem pa.
 - Umba aputai yepé kuayé, aputai yepé mam serumuara ram yam se tiya membira – uyem pa.
 - Há sesobrinho yam supi ti te akua repudei, ayum te kui mam resikai ramem mam yam tidaina pedaço, tidaina pedaço kurí resikai – uyem pa.
 - Apé pa uyem:
 - Puu mamem ta asu awasem aé?
 - Apé pa uyem ixupé yam:
 - Apé kuri resú – uyem pa – mim aité yawa iwitera wasú rese yam musapiri waitaá iwitera, yam suasú, asui acutí, asui yam japu iwitera, akiti kuri resú, apé kuí aikue aé, apé kuri umem indearam, apé resú netutira tuyuwé banda kiti.
 - Aré.
 - Apé pá uikú yam tipusí manha, Nhampirrikuli uarrumai. Até akiti usika:
 - Ei! Mainta titio.
 - Nem mayé puranga te.
 - Pow tiam maram tuyu xega sesatuma wasú ususurú tiam maram, puuuuu yam pa sesatumaitá manta iwitera yawé, yam nunca upirai sesá, ukikiri uiku.
 - Aré puramga, aé yepé ayui asikai neirum – uyempa.
 - Aré – uyempa – mam resarú ré kurí mukuim ara kuri resarú.
 - Tipaá yakua mairamem mukuim ara, ara wara wá uikú, apépa uyui umanduari, mam yam pupa ukua sá...uikú apé musapí hora pá isui, pronto musapí aram ucompletaiwam, apé pa urui wam ixupé camuti mirim, mam yam pa ipusé.
 - Aré xukui sesobrinho kuiru resuam, resu kuriiii, até mamem usem waá kurasí, apé katu kuri resú repirai aé – uyem yepé pá.
 - Aré – uyem pa.



Dulcilene

– Aí sim você vai ganhar a filha da tua titia.

Nhampirikuli fez uma espécie de cesto com palhas para carregar, e ele não aguentou, o camuti escorregou e caiu fazendo um barulho “fururururu”. Fez de outras espécies, como: cabeça de cutia e barriga de gafanhoto, fez outro tipo de cesto, o *panaku* em língua geral. Com este carregou o pote que pesava muito, veio descendo até Ipaanoré, na serra do Panakú, que é o local onde o seu cesto se rasgou.

De lá ele carregou no ombro até o atual sítio São Pedro, na serra. Chegando lá, sentou de cansaço e disse:

– O que será que pesa tanto nesse potinho? Vou abrir para tirar um pouquinho.

Quando tirou a tampa que estava bem amarrada, ao abrir escureceu rapidamente. Nhampirikuli não sabia mais pra onde ir, nem sabia onde estava o seu potinho, procurou, procurou e chamou:

– Dzupidha? (pote feito de argila)

E não respondeu, porque antes, quando ele chamava, ele respondia:

– Ôôô.



Germano Brazão da Silva (1º ano)

– Apé supí kuri reganhai kuri aiteyam netiya membira – uyempá yam pusamga rayera.

Uyuiriamra, Nhampirikuli umunham panakú, umunha pêra primeiro ti uaguentarí, umburi yepé ikamutí mirí uwarintu, fururumem, umunham amum, yansé aikué kua akutiwaya akanga, aikue akutiacanga asui aikue tukura marika, asui aikue yam panaku retewa ipupema supí, miri pukusá pa yam kamuti mirí aité yam pituna, uyui irum, até uyui uwiyé ipanoré, uwiwiiiiiii, atééé, panaku iwitera wa taseruka, aité pá ikuara ipanakú, tiam uaguntai yam ipanakú aité yam panaku iwitera taseruka, poooo usupiri yepé iyapa resentuam atéééé iké São Pedro ára kiti, pituna kapuam, aité yam iwitera resé.



Apé pá usika uwapika pááá ikueream pa rá, apé pá uyem páá:

– Man reté taté kua ipusé wa iké? Asú apirai amam aé, amaram manungara ayuka ram kurí isuiwara.

Uyukairum payam itampa yma pa upukuari waá taimmem paá, upirairum paá ziiiiiiiiiii, pow nem Nhampiriculi ukua makití usú pitunam nem ukua mamemyam ikamutí mirí kuera, usikai upuem puem, puu mamem ta, apé pá usenui:

– Dzubidhaaaa... Dzubidhaaaa...nawá! Mansé paáyam, usenui, Dzubidha?

– Hô – uyem pá.

– Dzubidha?

– Hô – uyem tiwa wera paá tiramerem uyurá aé, yam kuté pá uyurá wam aé, nunca paá usemuam iyara, yawerampa, yaweram pa usenuim:

– Dzubidha? – Nawá...

– Dzubidha? – Nawá...

– Tá bom, agora vou ficar por aqui, não sei mais pra onde ir.

Sentou e ficou vendo pra baixo, até que em certo momento ouviu o primeiro canto de inhambu “hôôôô... hôôôô... hôôôô”, eu acho que já é altas horas. O pássaro cantou novamente, dessa vez o inhambu pequeno. Em seguida cantou outro pássaro de nome mawá, anunciando o amanhecer do dia.

Já estava cansado, era aproximadamente três horas da manhã, e estava cochilando. Nesse momento chegou um pequeno grilinho cantando, “tiiriririririririririri”, e ele disse:

– Assim vai ficar para as gerações futuras. Agora eu vou passar bem – pensou –, agora sim, já é seis horas, já está amanhecendo.

Mas já estava perdido, não sabia mais onde estava a sua tia e nem a sua noiva.

– Estou longe – pensou. – Estou indo de vocês.

Pegou uma planta flutuante, com ela desceu até ilha.

– Agora estou indo de vocês, e vocês me esperam aqui.

Plantou para ele a planta abiu e recomendou:

– Agora vocês vão esperar o sol nascer antes de comer as frutas.



Wilmev

– Háá puranga te, tenupantua aikú iké.

Ti ukua makití usu, uwapika umam, tumaasá kiti payam uwapika umam, atéééé, usendu te pa uyengai wam primeiro inambu, hõôôô... hõôôô... hõôôô... kupukuam te pu yandé kua..... Até upisika amum hora uyengariam yuiri, paá xukui pa aikue miriam yam inambu kuaíra waá, hõôôôhõôôhõôôôô.

– Am!! Aram pú yaandé kua – aaté paaá kuayé usendú mawam – mayentuanté pú ikuema aram – uyem pa.

Ikueream paá, atéééé usikam pupa kuayentuam aram pupa, ukiriam paá madugadam pupara três horas rupintuanté, ukiriam paá, suaxara te pa ukataka ruaxá te paá: hõ! hõ! hõ! Uyawiyawika uikú taité, ukikiri pa uiku ra, apé páá kupuku xinga pa usika yam tukura mirí, guiliru mirí, aapé páá usika yengai suakí; tiiriririririririririri.

– Há kuayé pukurí amum ára piasú waitá, kua aiwam kurí árakua, kurasí usemuam uri uikú.

Yanpa 5 hora da manhã pa uyengai yam tukura, kuiriam yandearam, atééééé pa seis horas umam pá purangam ára.

– Há kuiri supi puranga asasá.

Só que aé uyuperdei nem ukua mamem itia waimim upita, nem ukua mamem yam ikasera uputai wakue yepé.

– Kuiri ixé apeatú, apeatú aiku mundo ruaxá kití, aré aiwam asú kua.

Aiwam pa uyuka aité yam, uyatikú waá paraná arupi mirí, piráita samburá pa tambeu tuyuitá, urikú yam jandú pisá, ipupé pa uyatikú, uwiwiãra, atéé usika yam ilha upé, nem pa mayé uyurikú.

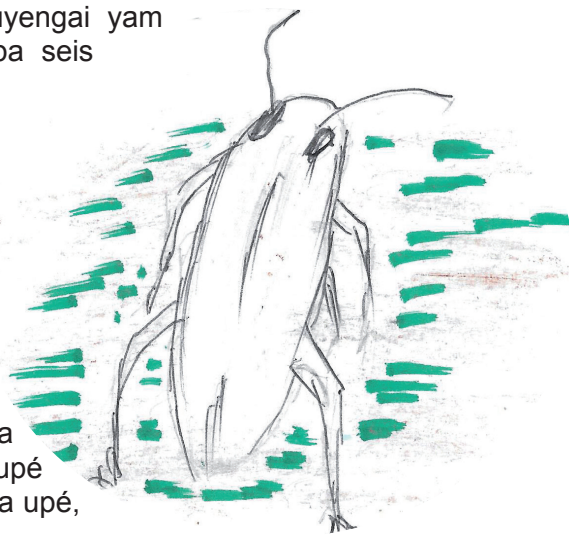
– Aré!!! Aé kuiri kurí aiwam asú pesui.

– Puranga.

– Pessaruntu kuri ixé ike.

Aiwam uyutima ram tasupé aite yam abiu apé waá suú tasupé:

– Kuiri pesarú kurí ixé, até mairamem kurasí usemu teré kurí peú aintá – uyem pa.



Nhampirikuli foi embora, logo depois os macacos começaram a comer as frutas do abiu. Lá o jacaré comeu os primatas.

– Agora sim, o que eu queria deixar para as futuras gerações já está aqui.

Nhampirikuli sentou no pôr do sol e viu o inhambu passando no seu caminho. Assim que passou no local onde ele abriu o pote de noite, eles caíram mortos. É por isso que o inhambu não tem sangue.

Em seguida passou um pica-pau e falou:

– Como vou fazer?

Ele chegando lá, aconteceu a mesma coisa, no entanto, era o sono que fazia isso, pois ficava noite para eles e não sabiam para onde ir.

Nhampirikuli mandou o pequeno pássaro pajé para acordá-los, que chegou lá cantando “pitchara... pitchara... pitchara”. Com isso o pica-pau se levantou soltando gases “traa... traa... traa... traa...”, em consequência disso, as pessoas dessa região ao se levantar gostam de soltar gases.

Assim termina a história da noite.



Maurício (1º ano)



Jecimar

Nhampirikuli usuam, poo mairamem pa sakakueramtu uyeré umam tasikāra, panhem macacoitá tau wamtaikú yam abiu taité, aiwam jacaré umbau ram aité apé.

– Kuisupí – uyem pa Nhampirikuli – kui supí maam aputai wa axai ta supé kua piasú waitá aikue wam, takua ramem kurí ti kuri tasasá mayé asasá yawé.

Nhampirikuli uyui uwarrumai miiimmm kurasí uwiké wa kiti, uyui uwapika umam asui, puu umam te pa primeiro usikam aité kua fufu ita tasika pa tasasá mamem yam upuam wakuera pituna wa aé, pu palai thi fufu kuera uwai uyenum apé, yaweram pa ti uriku suwí kua inambu, mansé suwí manuum pa yam hora, yawé waupé pa usasá arapasso umam apé:

– Manta kuri asú amunham – uyem pá.

Puu usika apé yawetéyuiiri pá thi, nunca pupa yam tipusí uyukam aitará, pituna taresé, tiam pa takua makití tasú, uyuiiri umundú kua paye mirí usú ram umbaka aintá, usika pá apé ara irum, pitchara.... pitchara..... pitchara..... pitchara... pitchara, upuri pa upuamu yam arapasso, tra... tra... tra... uyupinum pinum, yawram pa kua caiarí waraita see tapinum kuemaité, tapaka yam tapinum.

Yawé upá historia sesé yam pituna.

ORIGEM DA NOITE II

Narrada por Amarildo Castro em português

Como é tudo demais, tem que contar na metade. Antigamente, o finado meu pai que gostava de contar, só existia dia, não existia noite. Então as pessoas queriam dormir, mas não tinha como dormir.

Tinha noite, mas tinha que ir bem longe pra poder tirar. Aí se ajuntaram o pessoal, os homens mesmo, só levava só os homens:

– Bora tirá a noite!

Remando mesmo, não tinha como dormir, tinha que ir direto.



Aldécio Batista Silvano (1º ano)

Tinha um velho, o dono da noite, só que ele não ia tirar assim, com ele vendo, tinha que roubar a noite. Então fizeram de tudo pra roubar a noite, o velho já era cego, então conseguiram tirar a noite. Era um tucumãzinho deste tamanho... bem pequenininho...

Voltaram. No meio do caminho, sabe como que é os homens, eles são curiosos também, eles queriam ver o que tinha lá dentro. Puxa! Aí, ninguém queria abrir, foram mais adiante, encostaram numa pedra firme, bonita, tinha praia.

PITUNA YUMPIRUNGÁ II

Amarildo Castro umbeu kariwa nheenga rupí

Kuxima paá, ayuanté pá aikué ára, ti yamam pituna, miraitá taputai páyepé takiri, ti mayera, aikué pituna mam apektú tayuka ram, apé tauymuatiri apigaitá tasú ram taayuka:

– Yasú yauka pituna.



Luciene Martins (1º ano)

Apé tasuam tayapukui pa tasú, apé tasú satambika ti mayé takiri ram ti yamam pituna, até tasika pituna manha piri, umba pa uputai umem tasupé yawentu, yawé wa pa tamundá isui iam pituna, tasikai panhem mayé tamunda ram isui pituna, yampa tuyu sesaima, yawé waá uyuka isui yam pituna yam paá yepé tucumã mirí puranga mirí wa, tayui wam pa isui, peé piterupi paá tamanduarí tapirai tamam manta aikue ikuara upé nem awá uputai upirai, yawé waá tayai yepé iwité resé mamem aikue waá praia wasú resé puranga waá apé paá yepé tasuiwara usú upirai.



Rosinete (1º ano)

Aí um deles, ele foi abrir, quando ele abriu, anoiteceu, anoiteceu, pronto. Aí dormiram, só que o que aconteceu? O dono da noite chegou e começou a cavar os olhos de cada um. Sem sentir, cavou de caada um. Aí, quando acordaram, sem olho, ninguém viu nada, ficaram cegos.

Aí é que aqueles homens que foram roubar a noite tinham as suas mulheres. Aí cada um começava a desfalar a sua mulher:

– A mulher é assim – se gabando, né...

Porque ele não olhava mais, cada um falava se gabando sobre a mulher:

– Minha mulher é assim, é assim...

Aí o homem não gostou, ficou escutando, conversando. Já que não tem mais o olho de vocês, de todos vocês, eu vou transformar vocês em macaco.

Então é por isso, que é a moral da história, é que o macaco é bem... beem parecido com o homem. Porque o dono da noite que virou os macacos pra ficarem como macaco já agora. És isso! Pronto!



Paulinho A. Montenegro (1º ano)

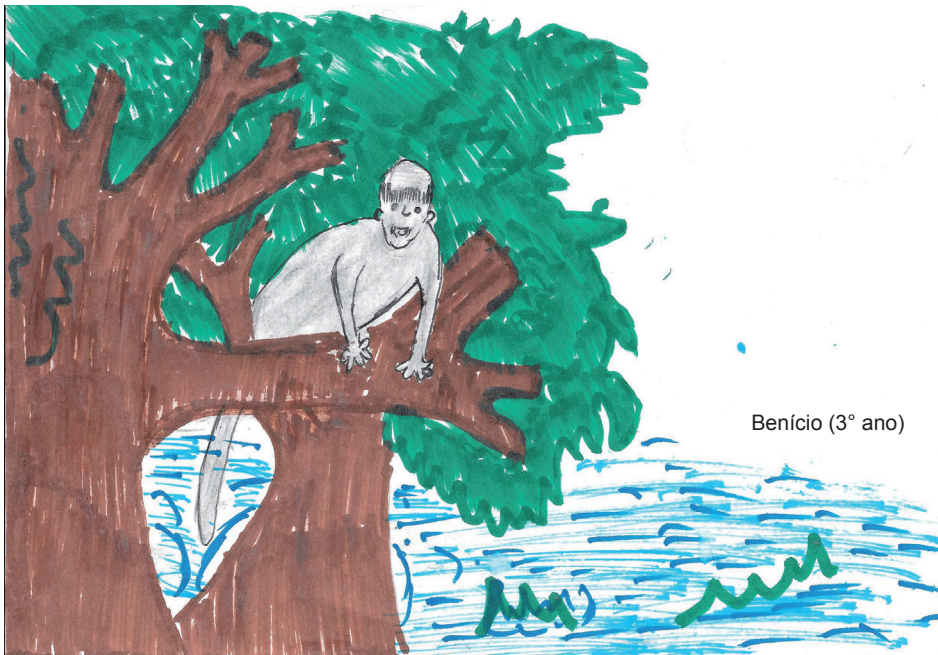


Jander (1° ano)

Mairamem upirai apé pitunam, apé takiri, nunka pupa yara usikam taresé, yumpirú pa upikuim ta resá yepé yepé sá rupí, mairamem tapaka tiam tarikú taresá, nem awá umam, yan itá usú waitá umundá pituna, tariku waitakuera ta rimirikú, yawé paá tapaka tambeu beu tarimirikúitá resewara, tiam pa tarikú ta resá, yam pá mira pituna yara ti ápe pá usendu apé uyem:

– Penhem tiam periku peresá kuirí asú amuyereu penhem makako. Yaweram pá yam makako mayeté mira yawé.

Yansé pituna yara te umunheré uyumpirú ram kuá makako.



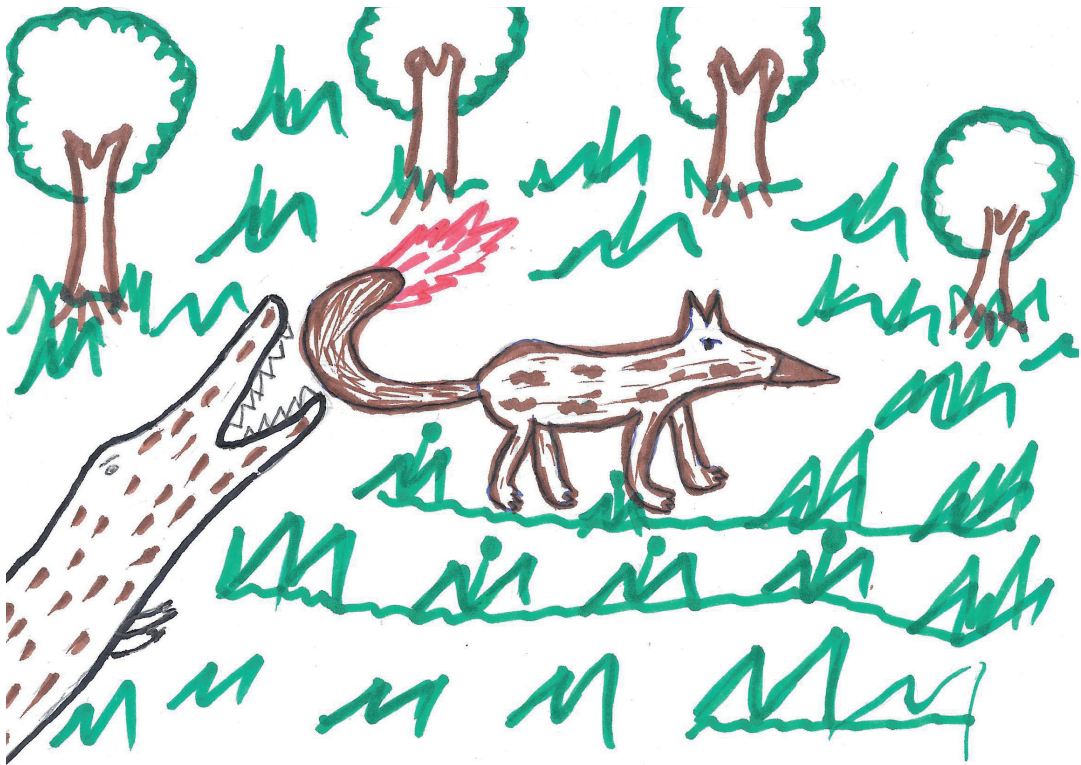
Benício (3° ano)

ORIGEM DO FOGO

Narrada por Hermes Plácido em nheengatu

A história começa onde o tamanduá estava brigando. Trazia o fogo na sua calda, aí o Nhampirikuli, criador dos Baniwas, disse:

– Hum... assim não é bom! Com isso ele pode matar as pessoas.



Andson Vinicius da Silva (2º ano)

Assim, durante a briga, o jacaré mordeu o fogo que estava na cauda do tamanduá e pulou no rio. Com isso ficou escuro para nós aqui no mundo, não tinha como ver as coisas. Por isso o Criador pensou numa maneira de tirar o fogo do jacaré, aí ele pensou:

– Já sei.

TATÁ YUPIRUNGÁSÁ

Hermes Plácido umbeu nheengatu rupí

Uyumpirú mamen tamanduá umuramunha waiku, urúri pa tatá suwaya resé. Ape pá Nhampirikuli uyem:

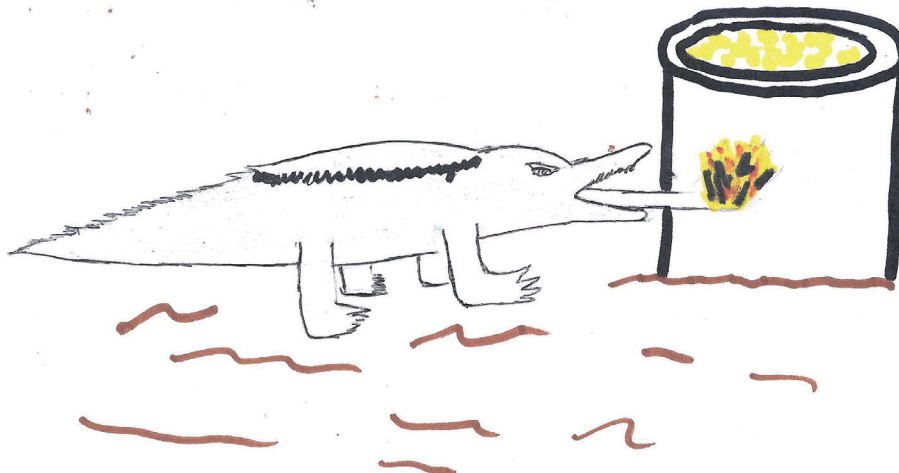
– Haaa. Ti puranga! Yawaité uyuká miraita.



Maria Brazão (2º ano)

Yawéwa taumuramunha pukusá yakaré usuú tatá, upuri irum paraná kiti, apé upita pituna wasú yandearam ike ára upé umba maye yamaram. Yawé wa Nhampirikuli umanduari mainta uyuka ram yakaré sui tatá, ape umanduari:

– Hã!!! Akuawam.



Luciene Martins (1º ano)

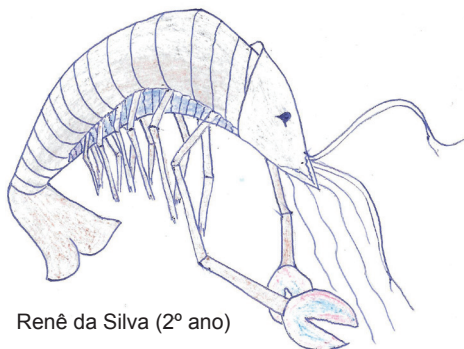
Foi pegar *aturá* (um tipo de cesto) da tia, um para os homens e outro para as mulheres, e encheu com folhas secas. Esperou a estação chuvosa, essa chamada de camarão sem braço¹.

Quando começou os dias de chuva, ele foi derramar as folhas do *aturá* dos homens. Com isso apareceu um pouco de rãs, apareceu somente as menores, aquelas amarelinhas, as mulheres não gostaram de ver, não acharam interessante. O jacaré não saiu debaixo do forno. Nhampirikuli falou:

– Assim não dá, vou chamar o jacaré para ele sair mais debaixo do forno.

Ele fez o jacaré sair mais para iluminar melhor as suas filhas pegarem as rãs. Aí, Nhampirikuli foi pegar o *aturá* das mulheres, esse que tem um trançado mais espaçado, e foi derramar já no tempo da estação chamada camarão de braço grande². Aí sim, apareceu muitas rãs.

CAMARÃO DE BRAÇO GRANDE



Renê da Silva (2º ano)

As mulheres gostaram de ver, o velho jacaré também gostou de ver, e saía mais. Aí Nhampirikuli disse:

– Agora sim.

O jacaré saiu mais para iluminar, abriu mais a sua boca.

Assim, ele mandou o pássaro, chamado piranha wirá, ao amanhecer o dia, cortar a língua do jacaré. Ele passou cortando (*tchiiirá*), tirou a língua do jacaré. Por isso que o jacaré não tem a língua, esta onde ele carregava o fogo. Assim começou o fogo.



Jefferson R. D. (2º ano)

1 Esse é o nome de uma constelação. Quando ela está alta no céu, significa que ainda não vai ter chuva. Quando ela some ao amanhecer, significa que vai ter chuva e as rãs vão aparecer.

2 A estação do camarão do braço grande é a última época em que as rãs ficam coaxando. Depois continua chovendo, mas elas não cantam mais.

Ape pa usú uyuka, itia waturá, yepé apigaitayara, asui kunhaitayara apé upurakai kaá iyuka, aiwam pa usaru, mairamem uwari kua amana sera waá kamarão aite kua yuwaima waá, apé usu uyusena yam apigaita waturapura, ape pa nem siiya, uyukua pá aité yam yuwí miritam aité yam kuaíra mirí waita itawá waita, umba kunhaita taputai wa yawé tamã ti seé tamaã.

Umba kuayé ti umem asú asenui usemu xinga, yawéwaá aité yam yakaré usemu xinga, umuturi aram tayera tasupé tapisika rã yuwí.

Yawé waá Nhampirikuli usu uyuka kunha tayara waá watura, aité yam sesá wasú waá, ape usu uyusena, aité kua kamarão turusú waá yuwá, ape supí, yuwí tiããna, kunhaitá seé tamam, tuyu yuiri seé umam, ape usemu piriam.

Ape Nhampirikuli uyem:

– Kuiri supi.

Usemu piriam para umuturi piriam upirai piriam iyurú wasú, yawé waá umundú piranha wirá puranga irum ara, usú umunuka yakaré apeku, apé usasá “tchirá”, apé uyuka yacaré apeku, yaweram pa kua yakaré ti uriku yapeku, aité pa mamem uruatá wakuera tatá. Yawé wapá uyumpirú iam tatá.



Maria Brazão (2ºano)

Aí o jacaré gostou de ver, já estava embriagado, neste momento chegou o Upé (cágado/ tartaruga) de cor preta, diferente do vermelho, que tem uma história diferente. Ele chegou trazendo a sua buzina (instrumento musical) cheia de rã assada, isso para enganar o jacaré e fazer com que não procurasse o fogo com o seu cunhado. Ele deu pra eles comerem e perguntou:

– Está gostoso?

– Sim, está muito gostoso, vão pegar mais, parece que é bom comer eles – falou o velho jacaré.

Assim, quando o Upé estava descendo, escorregou nas minhocas que estavam podres e, sem querer, ele soltou gases. O cheiro chegou no velho jacaré:

– Ruuummm.....rummmmm – o jacaré sentiu o fedor.

É por isso que o peido desse animal tem um cheiro desagradável. Mas o cheiro não era dos gases do Upé, mas sim das minhocas mortas.

Assim o velho jacaré ficou com raiva e disse:

– Ah! Vocês não sabem respeitar a festa.

Ele virou pro Upé e disse:

– Esses soldados não são bons, agora vamos embriagar eles. Quando eles tiverem embriagados, vê uma maneira de colocar eles no saco.

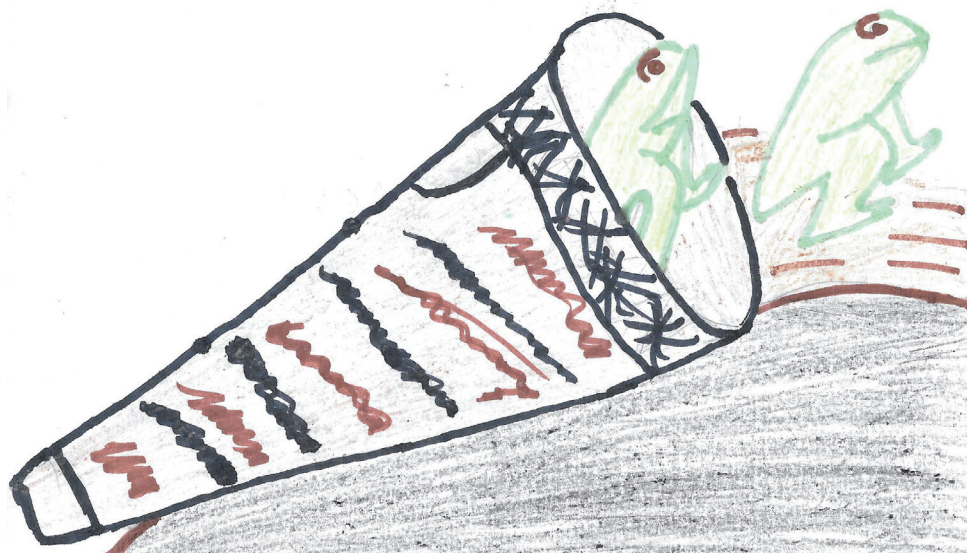
Ele respondeu:

– Tá bom!

Assim o Upé começou a dançar com eles. É por isso que ele tem o casco achatado, é o local onde ele carregou a buzina na hora da dança.

Aí dançaaaaaram até dez horas da manhã. Aí falou o velho jacaré:

– Agora sim estou embriagado.



Carla Fernanda (2º ano)

Yawé wapá seewam umam, ape pa ukauwam tiam maram yam yakaré tuyuwé, aiwam pa usika yam Upé.

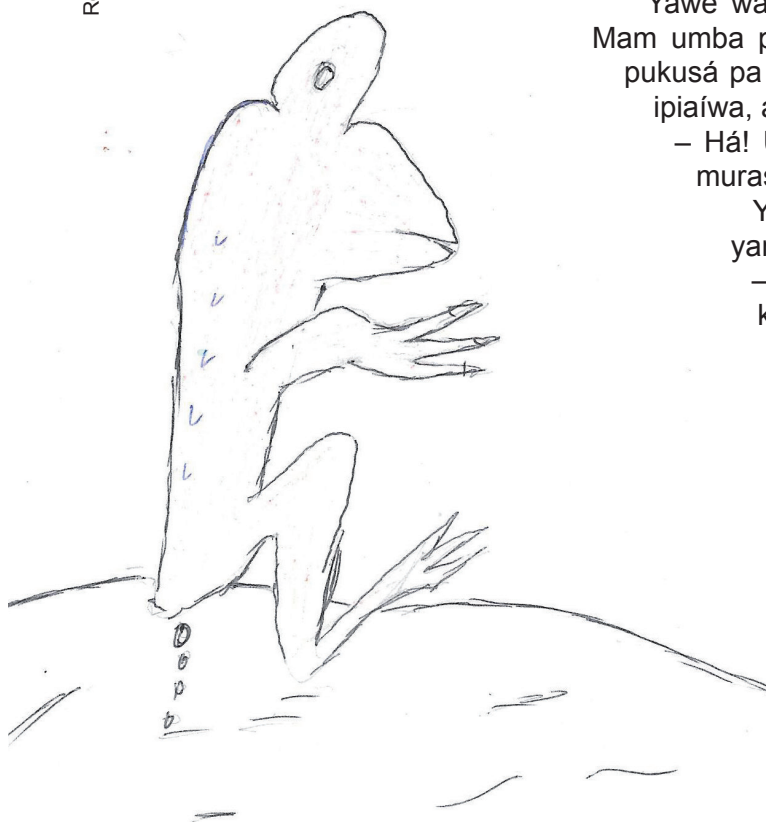
Aité yam upé pixuna waá, amum te isui yam piramga waá. Aé uriku amum te sesewara. Ape paá upé usica urui ibuzina upé teresemu iyuwí, puru uyumixiriwaitá yampa taganairam yam tuyu tiaram re usu usikai yam tatá suayara irum, ape páá upé umem tambauram ape paá upurandú usendu:

– Maita seété!

– Seé te supí, pesú xinga pepisica ikawa té pú yambau ainta – uyempa yacaré tuyuwé.

Yawé paá upé uwiyé waupé taité uyukitika xibui iyuka wa resé ti yepé uputaisá yawé waupé upinum, (pem) ape paá inema sá usuam tuyu resé: hummmmm.....hummmmm...

Robson Barreto



Yawé wapá inema xipinum kua upé. Mam umba pá yepé aé yam, xibui yuka pukusá pa iyepé iyam. Yaé wa pá tuyu ipiaíwa, apé uyem:

– Há! Umba pú pekua pe kua ara murasi upé.

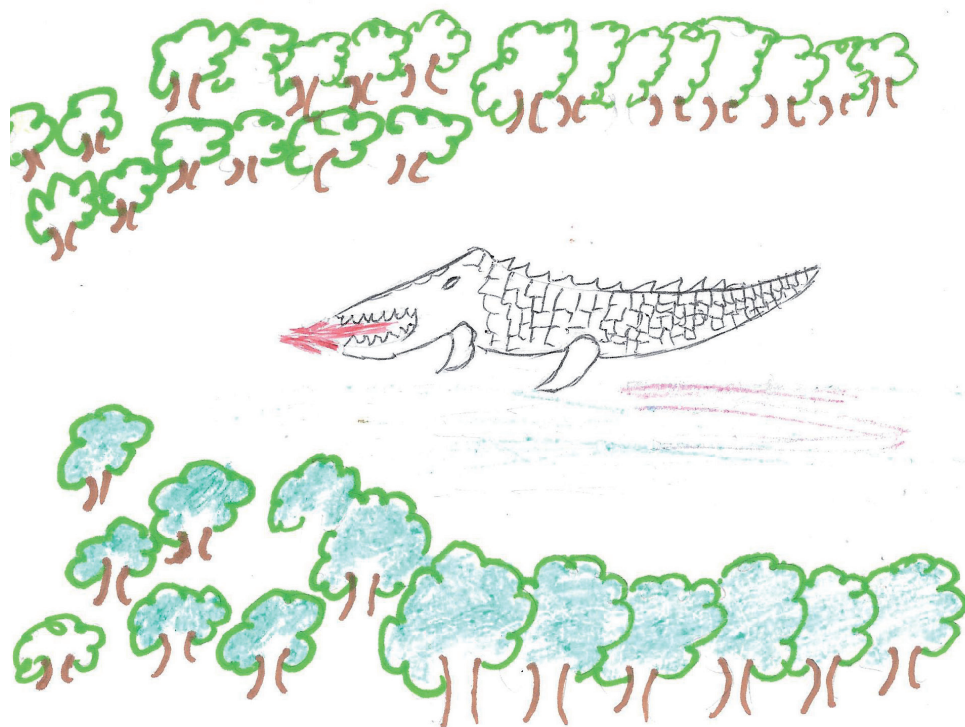
Yawé rã uyeré uyem ixupé yam upé:

– Kua suraraitá ti puramga kuiru kuri yasú yamukau aintá, mairamem kuri takau wam, resikai kuri repurakai ainta sacco upé. Upé usuaxara:

– Aré puranga!

Aiwam yam upé upuraasiam tairumu. Aité pa yam upé ipéwa ikupé mamem pa usupiri wakuera ibuzina upurasí aram, apé tapurasiiii iiiiii, até mukui pu horas ára ramem, apé katú pa uyem yakaré tuyuwé:

– Kuiru supí ixé akauwam.



Geovane (1º ano)

Os vigias já estavam bêbados, estavam abraçados brigando. Aí o jacaré:

– Vennha!

E comeu ele, depois que comeu tudo não tinha como ele ir para o fundo, as vítimas já estavam tufando no seu estômago, por isso estava boiando, aí ele falou:

– E agora, como eu vou sair daqui?

Não tinham mais como fugir. Aí Nhampirikuli disse:

– Deixa ele ficar boiando aí.

Por isso o peito do jacaré tem a cor branca, local que ficou exposto à luz do sol. Ele não sabia mais como sair de lá:

– Hummmm, já sei! – Falou o jacaré.

Assim foi engolir as pedrinhas brancas chamadas de seixo, com isso se soltou e foi afundando (ziiiiiiiiiiiii...), foi deitar lá no fundo. Assim ele não conseguia mais enxergar do fundo, aí começou a procurar o fogo que era a sua luz e nada!!! Tentou perguntar da mulher, que não ouviu mais, porque ele não sabia mais falar, não tinha mais a sua língua, aí ele pensou:

– Puxa... à toa demais, foi Nhampirikuli que fez isso comigo, agora vou procurar ele.

Foi tentar procurar, foi pro lado onde o sol se põe e nada!!! Não encontrou!!! Foi pro lado do nascente, não encontrou!!! Com a mudez não podia mais falar, ele não tinha como fazer, como vou passar, pensou. É por isso que as tripas do jacaré são diretas, pra poder eliminar as pedrinhas, pra poder flutuar e ir para o nascente.

Apepá vigia takwera takauwa, tayuyumanan tayenum, tamuramunham, yawé waupé umbauwam aintá, umbaupá ainta nemanhém usú ram tipi, tatufaiwam ixupé, uyatikumtuam pa, apé uyem:

– Kuisupí mainta asuaram?

Tiam mayé uyawáram. Ape pa Nhampirikuli uyem:

– Tenupá aíwa uyatiku apé.

Yaweram pa murutinga iputia mamem kurasi umutiní wakuera aé.

Tiampa ukua mayé usú:

– Hã! Akua wam – uyem pa.

Aiwam pa usú umukuna itaitá murutingawaitá aité yam taseruka waá seixo, aé pa usú umukuna, aiwam pa suaxá te uyuxai wam usú (ziiiiiiaiiiiiii) usuam uyenum tipi, uyenuam pa mim tipi tiam pa ukua umāra, yawé ramem paá usikai wam satára yamba iturí, nāwá, upurandú pa yepé ximirikú tiampa usendú ra yam pupa tiam ukua ukuntai tiam uriku iyapeku, apé pá uyem:

– Pááá, tenhumtu wara xinga te, kua Nhampirikuli kua umunhã wa ixeye kuaye, kuiri asú asikai aé.



Lucimar Castro (2º ano)

Aiwam pá usuam iyepé usikai aé, aiwanpa usuam yepé, até kurasí uwiké wa kiti, nawá ti uwasem, usú makití kurasí usemu waá nawá ti uwasem, yam iyengaímã tiam upudei ukuntai, nemanhé urikú, maita kuri asasá pô nem ukua manhé. Yaweram pupa yam ibuxo usú satambika upudei ram umusem isui yam itaitá upudei ram uyatiku, mairamem usuam kuakití makití kurasí usemu waá.

Na volta encontrou o jacarerana, onde o mundo dá voltas:
– Opa, irmão! – falou pro jacaré.
– Opa! – respondeu o jacaré.
– E aí?
– Puxa, passei mal, faz tempo o nosso criador me furou.
– Ele te furou com o que?
– Tu nem sabe, com a canela da velha.
– Como ele fez contigo?
– Mas foi por causa da minha distração, agora nós perdemos, nem você, nem eu – falou o jacaré. – Agora vamos viver assim.

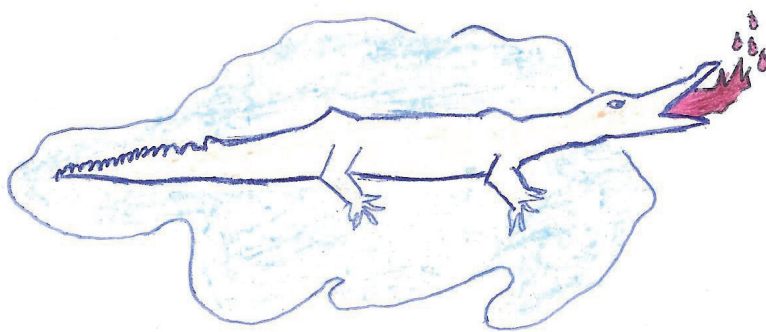


Jacinta (2º ano)

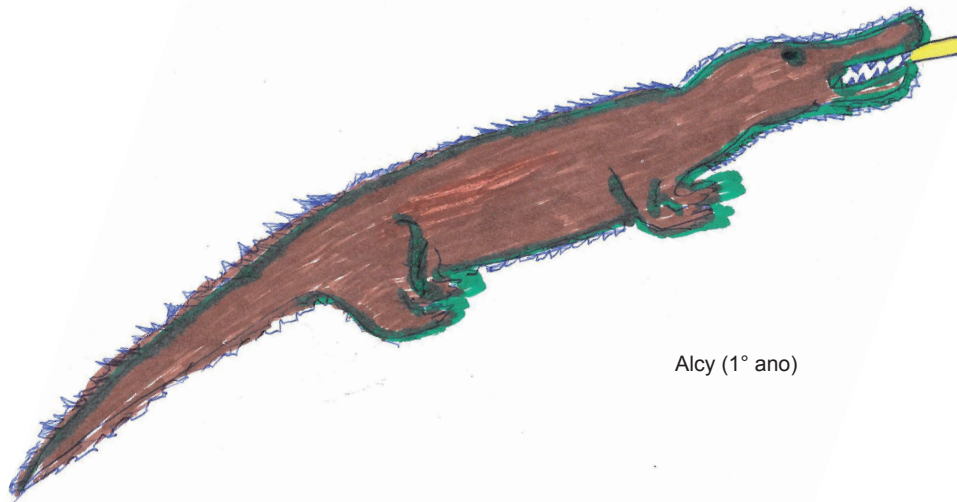
Nesse momento chegou um calango grande:

- Ei, irmão.
- Ei! – respondeu o jacaré.
- Como estão?
- Puxa! Nem conto, meu irmão, passamos mal.
- Tá bom! Lá em casa tem kaxiri – falou o calango.
- Onde? – respondeu o jacaré.
- Lá em casa, vamos!
- Então vamos.

O jacaré foi embora com ele, até na casa do calango. No entanto o kaxiri era feito com fezes de anta. É assim a história.



Gelson Rodrigues Macedo (2º ano)



Alcy (1° ano)

Ape uyui rameam uyupiri apé katu pa uwasemu kua yaseruka waá yakarerana mim mundo uyatimanasé upé:

- Ei semum – yem pa ixupé.
- Hei – uyem pa usuaxara.
- Mainta.

– Pô puxuwera asasá semum kuxima yanemunhangara, Nhampirrikuli umukuara ixé.

Uhem pá:

- Maupé ta umukuara indé – unhem pa ixupé.
- Pô maita remaité waimmim rinipiá upé.
- Maitaté urikú inde – uyem pa.

– Umba aputai sá aiwa té kouri supí a perdei wam nem indé nem ixé – uhem pá.

– Kouri kuri iyandé tenumpá iya vivei kuayentu.

Kuayé pedasunto paá usica yam teyu wasú.

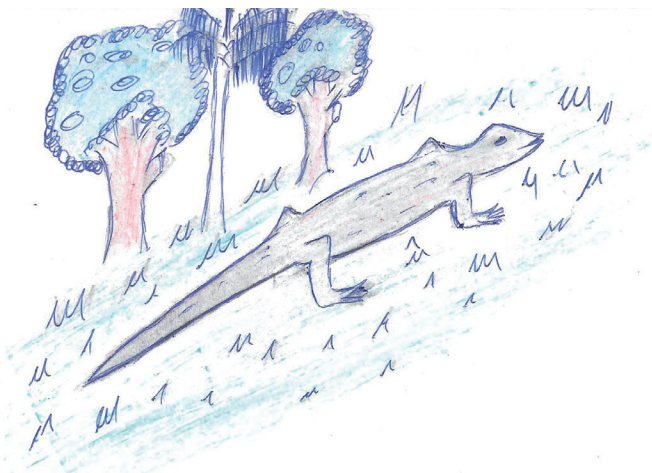
- Hei semum.
- Hei.
- Maita peiku.
- Pô nemanhé, puxuwera

yasasá.

– Aré mimi aikue kaxirí – uyempá.

- Aré mamemtá.
- Mimi seruka upé yasuam.
- Aramem yasuam pú.

Yakaré usuam supí. Até teyu ruka upé, nunka pupa yam puru tapira riputi wasoooo pupa iam caxirí waa. Yawé kuri sesé yam historia.



Amarilio de Jesus Castro (2° ano)

POR QUE O JACARÉ NÃO TEM LÍNGUA?

Narrada por Miguel Piloto em nheengatu

Antigamente o jacaré era dono do fogo, Deus deixou o fogo com ele antigamente. O nome desse Deus em Baniwa é Nhampirukuli, em nheengatu é Tupana. Aquele jacaré tinha filhas, só ele (jacaré) tinha o fogo, os outros não tinham.

Nhampirukuli pensou:

– Eu não queria que o fogo ficasse com o jacaré, eu queria que ficasse para as pessoas! – Porque antigamente as pessoas comiam cru por não ter o fogo.

Aí Nhampirukuli pensou:

– Como vamos fazer para tirar o fogo do jacaré velho? Vamos fazer assim...

Aí dizem que ele foi buscar o broto do talo do tucum. Fez aquele brinquedo. Aí jogou os brinquedos para fora. Aqueles que foram jogados se transformaram em rã.

Aquele talo de tucum transformado em rã veio pulando, pulando... As filhas do jacaré estavam torrando farinha e o fogo era a própria língua do jacaré. Então ele viu os bichinhos pulando, pulando, assim, e falou às filhas:

– Olha aqueles que estão pulando, vão pegar e assem para provarmos se é bom para nós comermos...



Germano Brazão da Silva (1º ano)

PEKUA MARAM YAKARÉ TI URIKÚ IYAPÉKÚ?

Miguel Piloto umbeu nheengatu rupí

Kuxima paá, yakaré aé tatá yára, ixupé pá Tupana uxai kuxima, yam paá Tupana rera Nhampirikuli baniwa rupi, nheengatu rupi Tupana, yam paá jakaré urikú tayéraitá, ayuante aé (yacaré) urikú tatá amuinta umbauriku tatá.

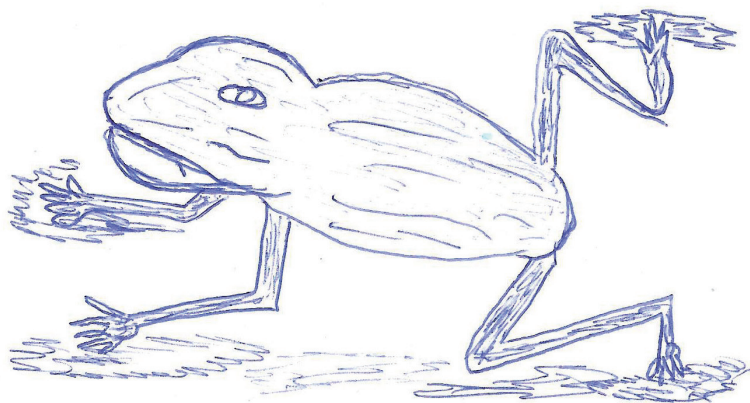
Nhampirikuli umanduari:

– Umba maã aputari tatá upita yakaré irumu, aputari maã upitá miraita supé arama! Yanse kuxima miraita taú tarimbiu uyima, tí resewara tarikú tatá.

Ape yampirikuli umanduari:

– Mainta asú amunhã, ayúka aram tatá yakaré tuyuwé suí, kuayé kurí asú amunhã.

Aape paá usú uyúka tucú ruwã kawêra. Umunha yam yumusaraita. Apé uyapí ukára kiti aintá, yam paá uyapí waitá tayeré yuwí.



Prof. Félix Figueiredo da Silva

Yam tukú kawëraitá tayeré yuwí, tapupuri tauri.

Yam pá yakaré rayeraitá tapuri taiku uwí, aite paa iyapeku te paá, aité iam tayapuna wirupi waá.

Apé pá umam yuwí taupupuri, apé uyem tayeraita supé kuayé:

– Pemam yainta upupuri waita, pesú peyuka pemixiri yasarama sã puranga yambauram aintá.



Kino Jecimar

Mas foi o próprio Deus que fez para ele pensar assim. E foram pegar as rãs e assaram-nas. Deram para o pai provar se estava bom. Ele gostou e disse:

– É gostoso mesmo, vão pegar mais pra gente assar!

As filhas foram pegar mais. Naquele momento Deus falou:

– Eles estão gostando, vou jogar mais.

Jogou ainda mais daqueles que se transformariam em rã.

Naquele momento, o jacaré velho esticou sua grande língua debaixo do forno. Nhampirikuli queria que a língua saísse mais um pouco por debaixo do forno, assim ficaria melhor para cortá-la.

Então Nhampirikuli disse:

– Eu vou tirar a língua dele sem que ele perceba.

Sendo assim, juntou todos os animais e falou:

– Eu vou fazer zoar o trovão, nesse momento, vocês vão tirar para nós.

Enquanto isso, muito mais rãs cantavam e vinham se aproximando (kuã... kuã... kuã... kuãããã... kuã... kuã... kuã... kuãããã...).

Enquanto a cutia, o jacu, o próprio ser humano se preparavam para tirar a língua grande do jacaré, cheia de fogo, Nhampirikuli falou:

– Sejam espertos!!! Para um de nós vai ter que ficar.

Enquanto isso a língua já tinha saído bem grande. Nesse momento caiu o trovão (páaaaa). Nesse momento os animais se juntaram, puxaram e arrebootaaaaaram a língua dele. E assim ficou.



Aldécio Batista Silvano (1º ano)

Mam yaampa Tupana té umunyam yawearã umanduari.
 Apé pa tasú tapisika yuwita, tasu tamixiri, apé tamem tapaya usã
 aram sã seé aintá, ape pá usã seé te ra. Apé unheé:
 – Seé té supi, pesu xinga pepisika yamixiri arama.
 Apepaá tayeraitá tasú xinga tapisika.



Janderley (1º ano)

Yawé waupé Nhampirikuli uyem:

– Seé té supi tasaã, ayapi xinga re. Apepá uyapi siya piri xinga.

Yawe waupé jakaré tuyuwé, umusemu píri uiku iyapeku wasú, yapuna wira suí. Nhampirikuli uputai píri usemu xinga yapuna wirasuí, puranga aram umunusuka iyapekú. Mam asú kurí ayuka isuí iyapeku umba waupé umanduari. Yawé wa paá umuatiri pa suúitá, ape Nhampirikuli uyeem:

– Asu kuri amunham trovão yawé, yayem waupé kuri peyuka kuri yandearama.

Yawé pukusá siiya piri yuwí unhengai, tauri taikú (kuã... kuã... kuã... kuãããã... kuã... kuã... kuã... kuãããã...).

Yampukusá akutí, jakú, mira te, tayumukaturú taikú tayuka aram yakaré apekú wasú tatá pá waá. ape Nhampirikuli uyem:

– Puranga kuri penhem!!! Yepé yanesuiwara supé kuri usú kuri upitá.

Yawé waupe paá turusuã usemu iapeku, uxariam pa nham trovão (páááááá mem). Yayem waupé suú tayatiri tasikí iyapekú usáááka, yawé upitá.

A cutia também pegou, fechou a mãozinha e se fofooi. Nesse momento ela falou:

– Eu já tenho o fogo!!!

Jacu também falou:

– Eu também tenho!!!

O ser humano se foi, enquanto isso, Nhampirikuli já tinha pegado o fogo:

– Esse eu vou deixar para os meus filhos futuramente – falou.

Aí a cutia fofoi e falou:

– Tá bom, é aqui mesmo, vamos abrir para ver o fogo.

No entanto, a pobre cutia pegou só fumaça, essa neblina que a gente vê bem baixinha na serra, que é chamada de fogo da cutia.

Gleybson da Silva Fontes (1º ano)



Jacu também falou:

– Eu também tenho!!!

No entanto o pobre tinha só uma marca vermelha no pescoço, essa era a cicatriz do fogo. Enquanto isso Nhampirikuli levou o fogo verdadeiro, esse que temos nos dias atuais.

Devido esse acontecimento, o jacaré ficou sem língua e quando ele morde uma pessoa, o lugar da mordida fica ardido, porque antes a língua era o fogo.

Atualmente, os que já foram mordidos por jacaré falam que isso é verdade, pois fica mesmo ardoso, como se fosse a queimadura de um fogo.



Wilson (2º ano)

Akuti pa uyuka te ra, apé pa umusikindawa ipú mirí usuaaaaaam, yawé waupé pa uyeem:

– Ixé arikuam tatá!!!

Jakú pa uyukatera:

– Ixé yuiri arikú te!!! – uyenpara.

Mira pá usuam, Nhampirikuli pukusá paá uyúkam:

– Kua kurí axai ram seraíra tasupé amum áara.

Apé pa akuti usuuuuuu:

– Arem ikêtuam yasu yapirai yamam ram kuá.

Nunká pa taité akuti upisika tatatingantu, aité pa kua yamam waá amãna riré tatatinga tayem waá akuti ratá.



Sabrina Macêdo Cordeiro (1º ano)

Jaku yuiri uyenpá:

– Ixe yuiri ariku te!

Nunká pa taité urikú sapekuerantú piranga iyayura upé, aité pa tatá kuera yam.



Janilson Rodrigues Macedo

Yanpukusá pa Nhampirikuri urasuam yam tatá retéwaá kua yarikuam waá kuiri.

Yakaré pa upitá yapekuíma, yaweram pa yakaré ti urukú iyapekú, asui paá usuú ramem iandé upitá sakiwaaaara, yansé paá yam tatákuera.

Mam kuiriana tambeu yam miraitá yakaré usuú wana waitá, yam supí, upitá te supí sakiwara mayé tatá usapí wa yawé.

